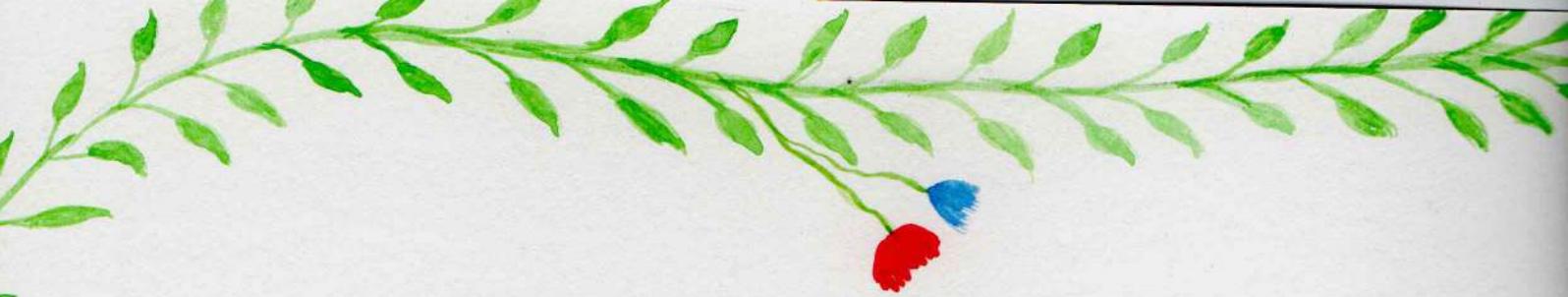


# caderno 2

TERRITÓRIOS  
DAS  
INDIVIDUALIDADES



### **A dança, a entrega, o outro, a roda: corpo, afeto, encontro**

Na dança, encontro de corpos que se afetam. Como pensar escrita de dissertação que surja dança entre quem lê e quem escreve, em que os afetos surjam desse encontro de palavras~pessoas~corpos? Fico na pretensão de um texto capaz de mobilizar quem o lê, levando a vontade de movimento adiante. Tenho a pretensão porque o assunto me move. Quando discuto a escrita das mulheres, eu não estou falando delas – separadas de mim. A escrita das mulheres também é minha, também eu me insiro nesse lugar da mulher que escreve. A pesquisa não é sobre elas, as outras, ou sobre mim, eu, a pesquisadora, é sobre nós, mulheres que escrevem. E quanto mais pesquiso sobre essa escrita, mais me sinto afetada, mais sou levada de um lado para o outro como quem dança, entregue a esse corpo a nos conduzir. O corpo a me levar materializa-se em pesquisa autocartográfica.

Nesta imagem da dança, há, por um lado, essa liberdade de movimento e, por outro, alguma técnica, pois a dança proposta é aquela que se faz em par ou em roda, não a dança individual. É dança com mãos juntas. Por isso, a liberdade instituída é dependente de técnica, concomitante à entrega. Seja no tango ou no forró, seja na roda ou na quadrilha, estabelece-se uma dinâmica a conduzir os movimentos. Danço na academia, onde a técnica pode endurecer os corpos. Danço na academia, onde, no entanto, uma pesquisa pode dinamizar os corpos. Busco a criação de um corpo-pesquisa capaz de dançar junto a outros corpos, além do meu próprio.

Chegamos ao Caderno 2, nomeado de território das identidades. Ao longo do Caderno 1, trouxe um texto “mais duro”, apresentando a teoria que fundamenta esta pesquisa, utilizando-me de uma linguagem um pouco mais fria, mais distante, próxima daquilo que é mais aceito nos ambientes acadêmicos em geral. Este segundo caderno, no entanto, traz uma outra linguagem, um outro modo de discutir a ciência, nem por isso menos válido, em que me permito um pouco mais de poética, de subjetividade.

A ideia deste caderno é criar um plano, um território, no qual as identidades aparecem. Contudo, ao trabalhar com a cartografia, a questão das identidades se abre para a discussão, pois parece algo contraditório, já que esta filosofia não discute o plano das formas, mas sim das invisibilidades. Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari<sup>1</sup> questionam a questão do sujeito na escrita dessa obra, pois foi composta a duas mãos. No entanto, é

---

<sup>1</sup> DELEUZE, 2011.

preciso pensar nos limites do uso desse pensamento – como nos ensina essa mesma filosofia – e perguntar: o que implica abandonar as identidades? Tendo consciência da importância da filosofia da diferença para o mundo contemporâneo, tenho vontade de territorializá-la<sup>2</sup>: já que ela foi pensada em um determinado lugar – Europa, França; por determinadas pessoas – homens, brancos, heterossexuais; em determinada época – décadas de 1970/1980, do século XX. Com isso, não quero fechá-la e encerrá-la, pelo contrário, ao delimitá-la, quero pensar o quanto é possível articulá-la com o pensamento de mulheres brasileiras da década de 2020, em pleno século XXI. A identidade é fácil de ser descartada por aqueles que não são violentados pela sua materialidade. É fácil dizer a uma mulher que ela não se identifique – sem perceber o óbvio: qual mulher se identifica com a violência imposta a ela? Ao mesmo tempo, quando não nos tornamos sujeito, seremos tratados como objeto, nos dizia Paulo Freire, ou mesmo se pensarmos junto à ética foucaultiana. Afirmar nossas identidades pode ser produção de diferença, pode ser criação de espaços onde antes não havia nada para nós, afastando-nos da possibilidade de sermos objetificadas.

É bem óbvio que o proposto por esses autores é extremamente disruptivo e ainda há muito para se compreender o que falaram. No entanto, se, nós, mulheres, não nos territorializarmos como individualidades, teremos muito a perder, principalmente com o avanço da extrema direita e do neofascismo nos últimos anos<sup>3</sup>. As mulheres, em sua maioria (ousaria dizer todas), já são desterritorializadas<sup>4</sup>: de nós, são arrancados, torcidos, distorcidos quaisquer territórios que criemos. As nossas escritas, tema dessa pesquisa, estão sempre no lugar do outro, do não-cabe, do não-pode. Então, como desterritorializar algo que nunca foi aceito como território? A identidade reconhecida é a masculina branca europeia. Os nossos territórios – nossos corpos, nossas vidas, nossas palavras – nunca foram nossos, sempre foram tomados e apropriados por outros.

Desse modo, para pensar a pergunta que conduz essa pesquisa – como se dá o processo de subjetivação das mulheres através da escrita –, nos objetivos propostos, inserida na cartografia, busco criar imagens de quem somos nós, mulheres participantes

---

<sup>2</sup> Criar território

<sup>3</sup> A revista Lua Nova, do CEDEC, lançou um dossiê sobre o assunto (2022). Bernardo Ricupero, no artigo que abre o dossiê, nos diz: “Por volta do final do século XX, o fascismo tinha praticamente deixado de ser um tema de apelo; o que se relaciona com o aparente triunfo do liberalismo, cuja queda do Muro de Berlim, em 1989, seria um marco. No entanto, a eleição recente de uma série de governos de extrema-direita, entre eles o de Jair Bolsonaro no Brasil, fez com que a questão recobrasse força.” (RICUPERO, 2022, p. 339).

<sup>4</sup> Desfazer, romper, destruir o território dado, construído.

deste estudo. Por isso, o que se propõe nesse segundo caderno é afirmação de identidades, é afirmação de um primeiro território, como um modo de deslegitimar o pensamento hegemônico que coloca a mulher como um lugar incompleto, um ser em relação ao homem, não completa em si mesma. Para sermos nós, primeira pessoa do plural, é necessário que haja “eus”. Aqui, neste Caderno 2, os eus aparecem, saltam: os delas, o meu e os nossos, em um território de identidades, constituído a partir dos afetos que nos passam.

O capítulo 6 refere-se à identidade de cada uma e à minha própria. No 6.1, trago uma apresentação de cada participante. No 6.2, trago meu diário de mestranda. Por fim, a terceira parte desse caderno, o capítulo 7, chega no *nós*: aos encontros das rodas de conversa e tudo o que surgiu desses momentos. O capítulo 7 se divide em três partes: a preparação para as rodas; a apresentação de como se deram as rodas e o que foi discutido nos encontros; e o texto coletivo, feito a partir do que foi enviado pelas participantes.



**6 NÓS, MULHERES EM TRAVESSIAS**



## 6.1 ENTRE ELAS: TERRITÓRIOS INDIVIDUAIS

*Se me contemplo  
tantas me vejo,  
que não entendo  
quem sou, no tempo  
do pensamento.*

*Vou desprendendo  
elos que tenho,  
alças, enredos...  
[...]  
Múltipla, venço  
este tormento  
do mundo eterno  
que em mim carrego:  
e, una, contemplo  
o jogo inquieto  
em que padeço.*

Cecília Meireles

### **Daquelas com quem converso**

Encontro-me com mulheres reais. Já tínhamos histórias juntas para além da pesquisa. Já conhecia suas vozes, suas angústias, suas escritas. Com algumas, mais intimidade; com outras, uma distância maior. Com todas, algo de troca. Cartografar é dar língua aos afetos que pedem passagem, nos diz Suely Rolnik<sup>5</sup>. O primeiro afeto: como desterritorializar os discursos sem machucar aquelas com quem tanto troquei? Por isso, primeiro, criar um território. Nesse território pesquisa-vida, vieram *Regina* e *Lis*; assim como os pequenos pássaros poetas *Beija-flor* e *Colibri*; estiveram juntas a mim *Lavanda* e *Martelo*; também *Lia*, *Noêmia* e *Vida*. Das dez mulheres que planejei entrevistar, nove puderam estar comigo. *Jaca*, “atropelada” pelas demandas da vida de mulher-mãe-casada-trabalhadora, não pôde estar junto nem na entrevista, nem nas rodas. No entanto, sempre que pode, *Jaca* me escreve e trocamos algumas ideias, por isso, é possível que, algumas vezes, ela apareça nesse texto.

No Capítulo 2, perguntei: “quem são esses eus e como se expressam?”. Aqui, essa pergunta começa a ser respondida. Mulheres brasileiras, de diversas regiões do país (Figura 4), com perfis diferentes entre si, mas com alguns pontos em comum: todas se relacionam com a escrita, todas fizeram o Travessias, todas foram minhas alunas. Nas vozes, se fizeram presente silêncios, risadas, pausas, nós. Apareceram as alegrias, as dores, as inseguranças, as certezas. Ao escutá-las, estava tão envolvida com seus relatos que pouco pensei na duração, no tempo excessivo ou escasso, de tal modo que não prestei

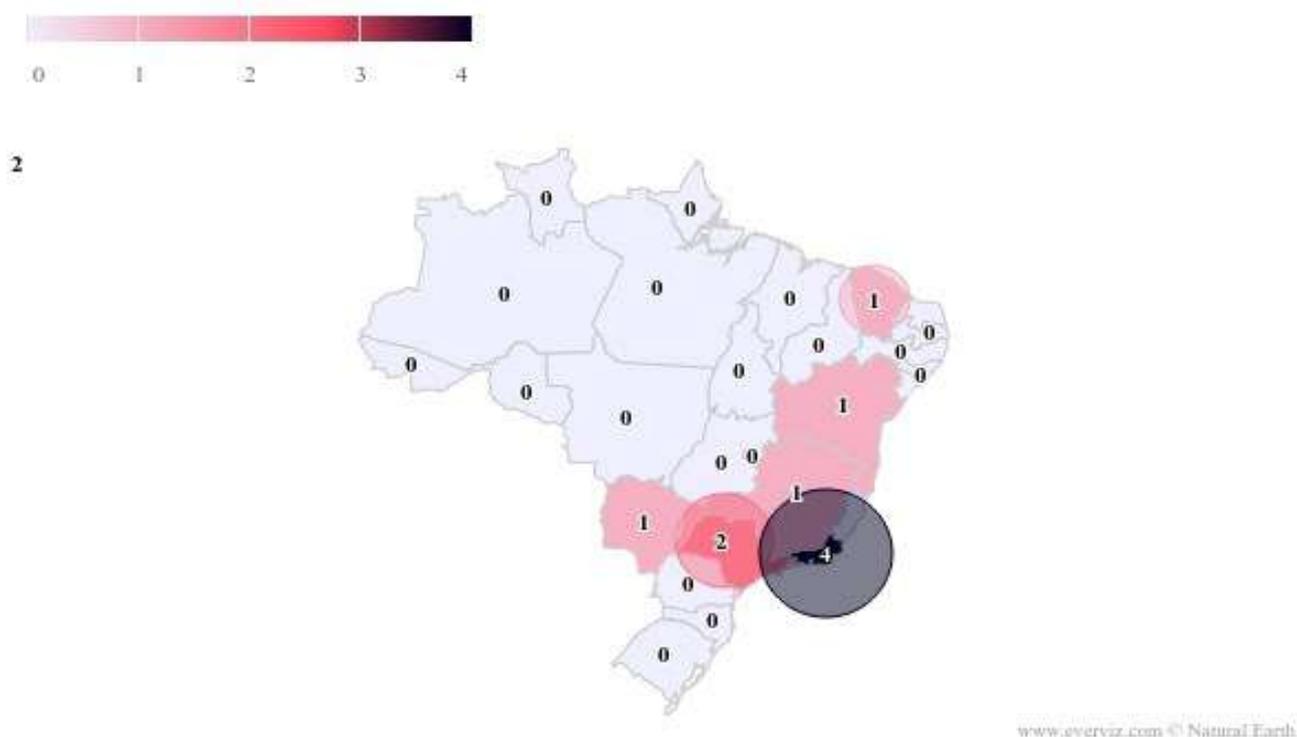
---

<sup>5</sup> Suely ROLNIK, 2016.

atenção se as perguntas estavam sendo respondidas ou se foram esquecidas. As formalidades foram colocadas de lado e busquei estar o mais aberta possível a cada uma delas. Na época das entrevistas, eu estive muito doente como há mais de década não ficava. As entrevistas, feitas de modo online pelo Google Meet, vão mostrando meu rosto a adoecer e tosses cada vez mais frequentes. No final daquele mês, eu estava exausta, ainda que alegre com as trocas, sentindo que, talvez, se eu estivesse saudável, teria conduzido melhor os nossos encontros. A pesquisa acontece junto à vida, no âmbito do que é possível e não presa em uma idealidade nunca palpável.

Figura 6 – Mapa do país com os estados das mulheres participantes destacados.

### Localização das participantes por estado



Fonte: Elaborado pela autora no aplicativo eveziz, online, 2022.

Nas páginas que seguem, apresento cada uma das 10 participantes. A maioria delas escolheu um pseudônimo para si; para aquelas que não conseguiram fazer essa escolha, eu escolhi um nome relacionado a algo de nossa história juntas. Para cada uma, uma breve descrição de quem são, contaminada pela descrição de si mesmas que me enviaram. A seguir, trago, para cada uma delas, a imagem de uma nuvem de palavras. Essa nuvem foi feita a partir da transcrição completa de cada entrevista, sem as minhas

falas, em um programa online chamado Voyant. As nuvens trazem cerca das 250 palavras mais utilizadas, retirados os cacoetes e algumas expressões da oralidade. A partir dessas nuvens, em uma brincadeira com palavras próximas, tomada pelos afetos surgidos no encontro da entrevista e do próprio Travessias, faço um poema com as palavras delas: como ampliar, multiplicar os sentidos daquilo que elas disseram? Compor = com + por = *com* as palavras delas, *por* elas, em um modo de subversão a outras escritas. Esse movimento de criação de um poema para cada uma inspira-se em duas situações: na banca de qualificação, ganhei um poema escrito pela professora Dra. Juliana de Freitas Dias, membro da banca, me senti extremamente tocada e lisonjeada por seu presente; além disso, nas rodas, elas sugerem que eu trabalhe com as palavras delas, o que acabou me motivando a presentear-las com os poemas das suas palavras, assim como fui. A poesia é algo que me compõe – é através dela que me coloco no mundo, talvez, por isso, eu tenha escolhido essa linguagem para expressar minha visão sobre cada uma.

















## Vida

Mineira, na faixa dos 40 anos, empresária, casada, mãe, traz a escrita como um cuidado. Escrever é terapêutico, me diz, criando “pegadinhas” para escritas futuras. Vida traz, assim como o pseudônimo escolhido por ela, força e delicadeza. A escrita é relacionada ao terapêutico em uma história marcada por muitos desafios pessoais.

Figura 15 – Nuvem de palavras - Vida



Fonte: Da autora, no aplicativo online Voyant, 2022.

### Das delicadezas

Conto, falo, escrevo.	alguma vida.
No tecido, processo; na gente, ficar o que veio.	Tinha papel fazendo o tempo em mim.
A escrita a acontecer nas materialidades, ainda que sozinha, terapêutica.	As coisas, motivos para escrever: a poesia a se fazer em sentido a se entender.
Não era só desabafo, escrevia pensando.	Podia espelho: o mundo, em mim, se faz escrevendo.
Escrevo sensação,	

## Jaca

Baiana, na casa dos 30, médica, mãe de três, casada. A escrita compõe com sua vida toda, escorrendo pelos cadernos na medida em que a vida lhe permite, em um desejo constante de querer escrever mais.

Figura 16 – Nuvem de palavras - Jaca



Fonte: Da autora, no aplicativo online Voyant, 2022.

## De autorias

O corpo em mim  
a escrever-se em texto  
- grávida de língua.

o livro – o meu  
ganha valor;  
ser livre  
é produção pura.

Perceber-me autoridade  
em meu processo:  
há uma revolução  
do maravilhoso.

É libertador  
ao me implicar.

A cartografia do mundo  
ocupa a narrativa.

Eu queria vazão  
a terapia do olhar  
escrevendo.

O opressor quer ficar:  
constrangimento;  
a escrita abre:  
tensionamento.

Falam existência  
escrevi desejo.

No entender a depreiação  
a ação aparece:

Tornar-se autora:  
olha, vou nascer  
de verdade.

## 6.2 DIÁRIO: ESCRITAS DE SI DE UMA MESTRANDA EM (AUTO)FORMAÇÃO

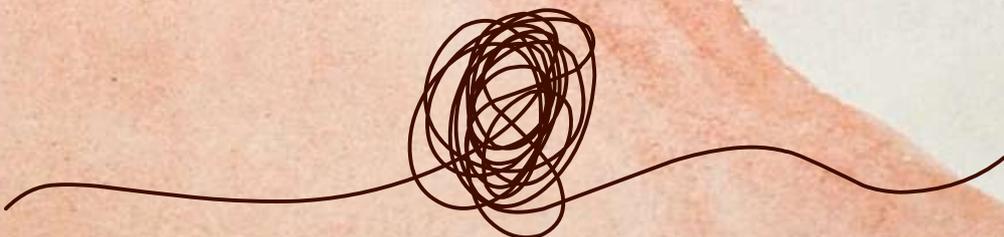
Os textos que seguem são escritas de um diário que venho escrevendo enquanto faço o mestrado. São as inquietações e as tentativas – ensaios – para a escrita da própria dissertação. Esse é um caderno de elaboração de tudo o que foi me atravessando durante a pesquisa, no qual aparecem os questionamentos, os sofrimentos, as alegrias e as dúvidas, organizados – ironicamente – como um diário desses bem “femininos”, tomado pela cor rosa, pelos laços e “papezinhos”. Utilizar-me dessa estética não serve nem para afirmar que isso faz parte da estética das mulheres nem para negá-la: a escolha se justifica na brincadeira de discutir filosofia, linguagem e escrita – assuntos que durante séculos não eram das mulheres – em um dos poucos lugares mais autorizados durante muito tempo para as mulheres escreverem – os diários.

Sofia Amorim



Diário:  
2021-2022

escritas de si  
de uma mestrandia em  
(auto)formação





Agosto - setembro de 2021

02/08/2021

Olhar para Steiner como Foucault olhou para os gregos. Sem um julgamento se o que ele fala sobre espiritualidade está certo ou errado, mas pensar se o que ele fala sobre esses cuidados de si que pode nos servir.

05/09/2021

Como escrever esse projeto? (do momentânea)

- escrita objetiva - apontamento de uma situação

- explicação
- justificativa

Escreve. Apaga. Começa de novo. Escreve e escreve. Relê. Corta. Troca. Refaz, reescreve. Lê em voz alta. Escuta-se.

05/09/2021

(CHORAMINGAR – diário de uma mestrand<sup>a</sup> menstruando) Quando a gente é até honesto demais, se contradizendo

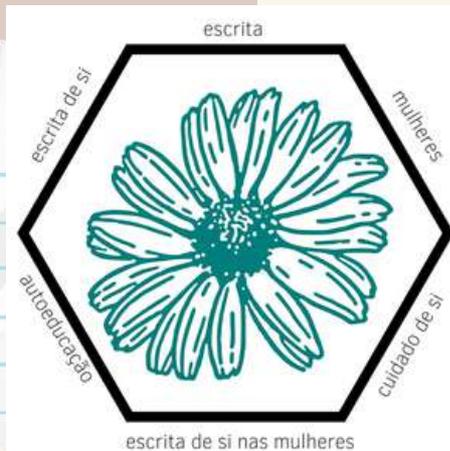
eu queria o sonho da pesquisa inédita, arrebatadora, arqueóloga descobrindo o que faltava à compreensão da evolução, cientista a sintetizar a cura de uma doença fatal.

eu trago a arrogância dos grandes pesquisadores e a sombra de Álvaro de Campos a me desafiar... “tenho em mim todos os sonhos do mundo”, mas “o mundo é para quem nasce para conquistá-lo e não para quem sonha”

lidar com mestrado é perceber-me ainda imatura pouco sei e a tal da pesquisa inédita nem é tão inovadora assim.

Como ser realista sem perder a potência?

Como não deixar que a realidade seja um veneno, mas seja um tônico?



19/09/2021

Ainda que a filosofia da diferença nos permita desmontar os pensamentos molares

CUIDADO

Ao desassujeitar, corre-se o risco de invisibilizar aqueles que, ao longo da história sempre foram calados, emudecidos

É POSSÍVEL? / É REAL?

10/09/2021

*Relatos de uma mestranda aos 40. Escrita do projeto*

Sempre escrevi. Desde criança. A escrita me constitui. Fato 1: nunca foi uma escrita que busquei publicar. Talvez fosse, mas não foi. Ainda assim, escrever nunca foi um problema.

Talvez, eu tenha lido e estudado menos do que eu gostaria ao longo da minha vida. Fato 2: já faz 5 anos que estudo enlouquecidamente.

Hoje, estou nisso de mestrado — muita escrita, muito estudo. Tudo diferente do que pensava. Ainda bem. Ainda bem?

Quando entrei no mestrado, há 6 meses, já não gostava da escrita do projeto. Na verdade, era além disso, o projeto não era exatamente o que eu tinha pensado em pesquisar. Tudo bem, me disseram, isso pode mudar.

Mudou. Passei alguns meses afinando o que seria o projeto. Agora, sim. Mais um mês reescrevendo o texto. Ansiedade, dúvidas, entrega do texto para o orientador. Eu tinha muitas ressalvas. Na reunião de orientação, as minhas ressalvas destacadas na tela de revisão dele. Vou ter que reescrever.

Estou aqui, há dias, travada. Olho para o projeto. Vários documentos abertos. Rascunho frases no caderno. Busco os livros. Ensaio algumas linhas no word. Volto para os livros. Nada — nenhuma palavra me satisfaz. Parece que eu não sei escrever sobre isso. Penso comigo: é só um projeto — não é o texto da dissertação. Já antecipo o sofrimento? Que horror.

Tem alguma coisa aí que me incomoda. Lista mental de quem poderia me ajudar. Não, não vou incomodar ninguém. Incomodo. Não ajuda.

Tem alguma coisa aí que me incomoda por demais. Lista mental de coisas para ajudar a destravar o texto. Não vou me distrair. Me distraio. Não resolve.

Olho para a ideia do projeto: sim, é isso que quero pesquisar.

Olho para o texto e dou um pulo: não me reconheço na escrita.

Projeto tem que ter escrita em que nos reconhecemos?

Projeto de pesquisa parece escrita de bula. Não quero projeto-escrita-de-bula. Existe querer em projeto de pesquisa? Existe bula.

Como fazer para que eu não me perca (ou me perca e me encontre) nesse lugar?

Idealidades de pesquisa. Pesquisa(dor).

Estruturo o texto no caderno, em esquema, em esqueleto. O esqueleto está bom. A carne é que não está surgindo. A massa muscular é que foge.

Eu fujo. E venho aqui escrever sobre o ato de não conseguir escrever.

P. S.: Faltou dizer sobre o medo dos autores. Pode ser que aí tenha algo também.

Mas escrevo sobre isso em outro momento de distração.

Outubro a dezembro de 2021

05/10/2021

- construção de um texto coletivo sobre a questão da autoria e da autoeducação
- cartas? Mensagens?
- trazer as alunas para a produção dessa pesquisa
- sair da condição hierárquica e tornar a escrita horizontal
- autoeducação e autoria - autoridade - como pensar todas as questões junto às participantes?

Como construir uma pesquisa horizontalizada?

Como provocar uma escrita sobre o pensamento da escrita?

Eu queria texto crochettato

Texto-colcha-de-retalhos-de-crochê

22/11/2021

30/11/2021

- Trazer mais mulheres para as rodas
- entrevistar menos mulheres
- deixar que cada uma escolha seu pseudônimo, cada uma defina a si

Eu tenho medo dos autores.

Ao escolher lidar com assuntos que tanta gente escreveu sobre, pesquisou sobre, fico angustiada. Será que li o suficiente? Será que compreendi o que esses autores falaram?

Leio centenas de páginas, tentando me aprofundar. Mergulho. Vou fundo. E, ainda assim, não me sinto segura. Talvez, a segurança não esteja na profundidade do mergulho.

E tem mais: por que ou para que repetir tudo o que já foi dito anteriormente? Tenho uma necessidade trazer algo novo. Me exijo isso. Será que a gente precisa encontrar sempre algo novo? Ou será que novo é o modo como apresentamos e elaboramos aquilo que os autores colocaram?

02/12/2021

Um capítulo para dois conceitos?

A tinta vaza. Meus pensamentos também. As minhas digitais impressas nesse caderno. É possível deixar nossas marcas em uma dissertação?

Talvez um capítulo para cada conceito seja muito espaço para esses autores homens. Será que é com eles que quero falar diretamente?

Um estudo feito por uma mulher-pesquisadora sobre mulheres que escrevem. Qual espaço devo dar homens nesse lugar? Começo a pensar mais sobre isso. Um

capítulo para cada um ocuparia um espaço maior no texto do que tudo o que gostaria de pensar sobre o processo de escrita das mulheres.

09/10/2021

Juntar filósofos diferentes em um único caldeirão

Talvez, por nunca ter estudado com afinco as teorias filosóficas - ou qualquer uma relacionada a um modo de pensar -, sempre me surpreendi com as reações exaltadas de que eu não poderia simplesmente "juntar" autores de epistemologias diferentes. Achava isso um absurdo e uma imposição acadêmica castradora (talvez, de certo modo, pode até ser).

No entanto, agora, com os estudos no mestrado, começo a compreender o que essas pessoas tentavam me explicar. É bem complexo e eu escrevo em uma tentativa de esclarecer em mim algo que ainda não domino.

Talvez, justamente por minha decisão no mestrado de estudar autores tão distantes, estou buscando argumentos para justificar minhas escolhas.

(É preciso dizer que ainda não me sinto nem um pouco próxima de poder definir o pensamento nem de um nem de outro. Ambos produziram muita coisa e ainda tateio suas teorias.)

Como fazer conversar um pensador do final do século XIX, começo do XX, e outro do meio/final do século XX? Como criar um diálogo entre pensadores que não se submeteram às correntes filosóficas de seu tempo?

Tudo o que um diz, o outro parece contradizer. Suas concepções do que é ser humano são opostas. Um aponta para o lado contrário em que vai o outro. No entanto, há algo ali entre eles.

É possível fazer associações, riscando-se todas as diferenças? Seriam elas válidas?

Talvez, meu método de pesquisa - muito arraigado na intuição - pareça falho aos olhos acadêmicos. Intuo aproximações possíveis.

Na verdade, quero mesmo apenas me utilizar de um conceito de cada um desses autores. Só isso me interessa. Recortar esses conceitos, descartando todo o resto, é possível? Sinto que é a minha imaturidade na pesquisa que tornam inseguras minhas escolhas.

30/11/2021

Escrita da borda, da margem

Quero escrever esse texto na margem, na borda, no limite entre o texto acadêmico e o texto literário.

Faço daquilo que estudo em outras mulheres o meu próprio exercício: escrevo para compreender, para me refazer, para vivenciar na pele, no corpo, os conceitos trazidos para cá.

Por isso, eu crio.

Eu não quero anunciar, tomar como palavra sagrada, o pensamento de dois autores homens, europeus. Eu não os quero como referências únicas, em um altar dos deuses do conhecimento. Sinto necessidade de diálogo, de troca e, por que não?, de embate. Quero a conversa no chão, na realidade da minha cozinha, quero a possibilidade de, enquanto faço minha vida, enquanto cuido da casa, conversar com esses homens.

Mortos que estão, tal conversa só seria possível em sonho - torna-se um devaneio. Sentada em minha varanda, enquanto tomo o café que passei há pouco, imagino como seriam esses diálogos caso esses pensadores estivessem aqui. E me lembro de Bachelard aproximando o devaneio da literatura. A literatura é o lugar dos devaneios, dos impossíveis materializados, onde o não realizado torna-se tangível.

Decido abrir essa porta em minha escrita acadêmica e encostar no batente, a olhar para os cômodos separados: de um lado, o escritório, onde podemos nos fechar e, supostamente, pensar a ciência, de outro, a sala, lugar dos encontros. Proponho essa escrita "entre" - no sentido daquilo que fica no meio, ora voltando-me para a academia, ora descolando-me para a literatura, muitas vezes indo até a cozinha, a lavanderia, os quartos, onde se produz vida para a vida mesma.

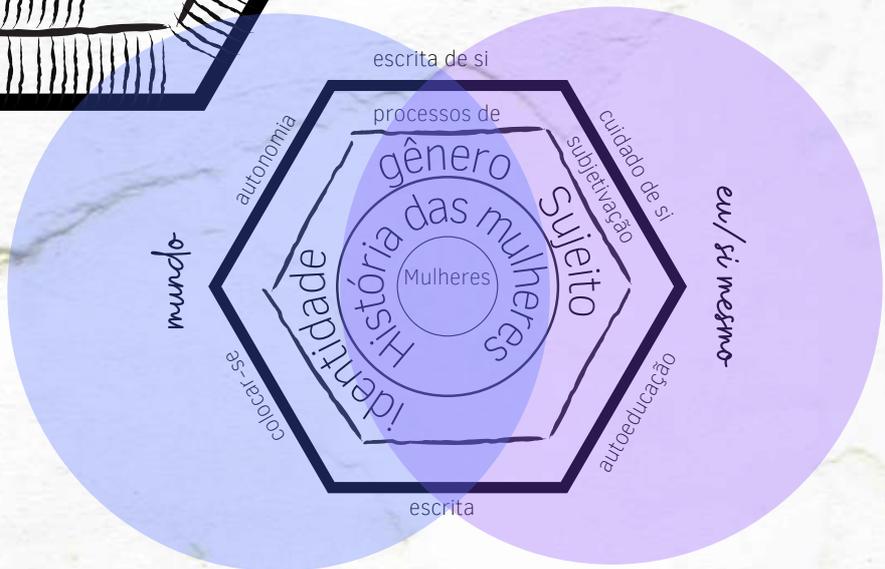
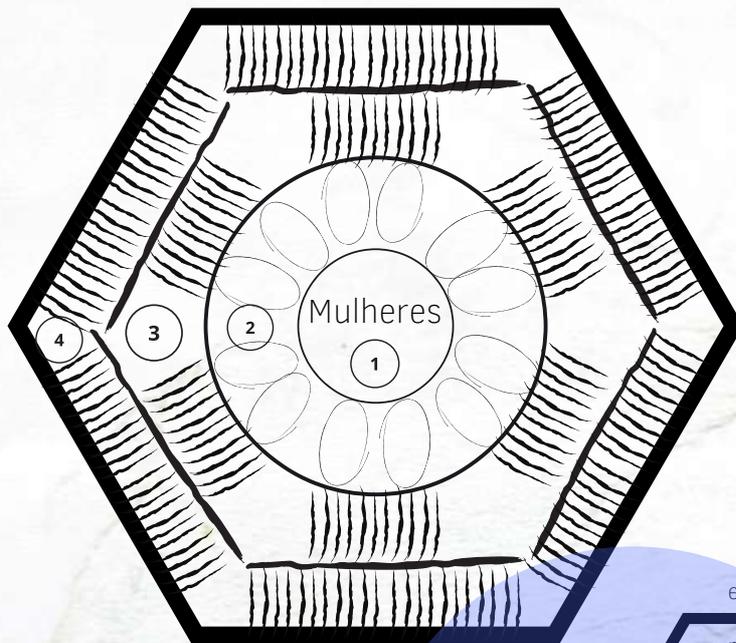
Recurso antigo esse do diálogo, da literatura, na filosofia: não foi assim que Platão apresentou as ideias de Sócrates? No entanto, quero algo menos pretensioso.

Recurso antigo esse do diálogo, da imaginação, na construção dos saberes: não foi assim que as mulheres passaram seus conhecimentos para suas filhas, enquanto faziam, falavam? Talvez, essa seja minha pretensão.

Já há muitas teorias sobre diálogos. Poderia trazer para cá todo um capítulo sobre as muitas linhas escritas (será necessário?). Por enquanto, me atento somente à necessidade da conversa, com essa breve explicação.

## Texto-colcha—de-retalho-de-crochê

Crochê como gesto que estrutura o pensamento. Dar forma ao disforme. Hexágono. No centro, uma flor. A partir do círculo, formam-se lados. Seis lados.



A figura que escolho é simples e complexa.

Uma questão se amplia.

No centro, a mulher (1). Abro para suas histórias (2). Depois, trago as questões de gênero e identidade (3). Amplio para os processos de subjetivação (4).

Esses processos se relacionam à escrita e, de um lado, voltam-se para o desenvolvimento pessoal e, de outro, para o colocar-se no mundo.



11/12/2021

Ao encontrar-me com Derrida

Não posso trazer todos os autores, todos os textos, todos os temas para uma dissertação de mestrado.

No entanto, me deparo com Derrida

e ele fala de escrita, palavra, identidade

estaria ele mais próximo dos meus temas do

que eu imaginava?

Estando próximo, seria necessário trazê-lo, de alguma forma?

Lembrete?

Nota de rodapé?

entre férias e projetos de leitura, covid.  
nada se produziu, somente vida em  
luta.



21/02/2022

(Lido com os autores. Ainda preciso escrever sobre a metodologia.)

Poderia reescrever essa frase. Lido com os fantasmas.

Escrever sobre um conceito com minhas palavras.

Como encontrar minha voz entre as vozes de outros.

Não quero texto sofrimento, texto sangrado – talvez, um ralado no joelho seja aceitável.

Mas é isso: encontrar minha voz entre as vozes dos fantasmas (será que dou conta de criar diálogos?).

Morte do autor  
x  
nascimento das autoras

Encontrar um lugar  
para discutir as  
questões da  
filosofia da  
diferença, relativas  
às questões  
identitárias da  
mulher

Questionamento da forma dada  
"mulher" + importância da afirmação  
dessa palavra-identidade

### TEXTO-LACUNAS

Esse primeiro texto-dissertação parece tornar-se texto-lacunas. Vou escrevendo e, quando travo, deixo o recado em amarelo gritante (desenvolver). Desenvolver...

As lacunas parecem surgir onde eu preciso explicar melhor o pensamento dos autores. Parece ser mais fácil dar uma aula sobre um autor do que escrever sobre ele (Desenvolver). (Talvez, eu pudesse escrever COM o autor, ao invés de, SOBRE o autor.)

Enquanto escrevo (e travo) (e vou olhar os textos lidos) (e vou procurar os textos não lidos), vai se fazendo um movimento (um gesto? o gesto de Agamben?) de "sei", "não", falando, não falando... sinto-me segura, sinto-me insegura.

Unir os pensamentos, unir os muitos pedaços de crochê, dá muito trabalho. Parece massa de pão daquelas que é necessário fazer dobras, de tempo em tempo. Quantas dobras são necessárias para dissertação crescer e poder assar? Dobra, descansa, dobra, descansa.

Seriam as lacunas o descanso da massa dissertação?

Na escrita do texto surge uma sensação de não estudar o suficiente – não li, não compreendi, não me aprofundei o suficiente.



03/03/2022

15/03/2022

Quando vou desfazer um nó, chamar o nome de uma mulher fofqueira que o nó sai fácil

- tem o complicado, associação mulher e fofoca (Calibã e a bruxa)  
- tem o FODA – mulher para desatar nós

14/03/2022

Inquietações:

- já há boas associações entre escrita de si e outras escritas - o que trago, então?
- não desprezar a realidade material das mulheres na produção de sua escritas, melhor, no processo de subjetivação através da escrita

(tirei cochilo depois do almoço. Sonhei Foucault, escrita, mulheres)

22/03/2022

Kung fu. Trabalho duro - excelência em algo, repetição

repetir tantas vezes

até que o gesto seja

natural

até que o corpo se lembre (e

não a cabeça)

preparar-se para luta, mas preservar vida

ir no de acordo com o tempo do corpo

- entre o cuidado de si foucaultiano (gregos)

e o kung fu parece haver algo em comum

um combate

uma luta

uma repetição

26/03/2022

Reunião com orientador

A primeira debruçada em um texto (queijo-suíço). A primeira presencial. Levei o texto impresso, o estojo, os cadernos, as dúvidas, o medo. O medo de um grande machado que iria me cortar. Um corpo disciplinado aprendendo a ser outro - um corpo aberto à aprendizagem.

Não encontrei machado. Encontrei apoio, inclusive, amparo.

Ao escutar, pude compreender melhor os nós - eu já desconfiava deles.

Também pude perguntar e argumentar.

Ser mulher, indivíduo, sujeito

25/03/2022

Da dificuldade em se pesquisar mulheres em pesquisa que se pretende foucaultiana, decolonial, feminista

Quer dizer, só há nós

porque nada combina com esses temas

- mulher - invenção de uma categoria

Simone de Beauvoir

Oyèrónké

nós - ainda que seja uma invenção - sofremos violência por causa dela

- se, como sujeitas, não se pode dizer que é anterior - não está dado - como

indivíduos, isso está

- essas questões devem aparecer desenvolvidas no texto? Ou, devido ao foco da pesquisa, seriam notas de rodapé?

Fico com a impressão de que são muito importantes

06/04/2022

Como contar essa história?  
 Como trazer panorama com tamanha densidade?  
 Estou vazando. Vazo no caderno para não fazê-lo na  
 dissertação. Sou das intensidades...

07/04/2022

Organizar o texto sobre a escrita das mulheres.

Escrever meu próprio texto. Me apegue às palavras das pesquisadoras que encontrei. Eu estava enganada, acho. Há muitas pesquisas sobre a escrita das mulheres - elas só não estão muito fáceis de serem encontradas. Ou fui eu que não soube como pesquisar?

Como e o que escrever a partir de tantas leituras? Há tanta coisa a ser dita e escrita sobre a literatura feita por mulheres.

"A literatura" ou "as literaturas"? Continuar afirmando um lugar único ou multiplicá-lo?

Também não tenho certeza se quero me utilizar de literatura "feminina", não sei... fico incomodada: a literatura produzida por homens é chamada de "literatura", a produzida por mulheres de "literatura feminina". Isso reforça o machismo ou isso nos diferencia? Porque, parece um consenso entre as pesquisas encontradas, em geral, não escrevemos do mesmo modo que os homens.

Afirmar a diferença ou incluir? Parece aquela conversa de "somos todos iguais, parem com essas brigas", que acabam por não levar a lugar algum.

Mas questão continua....

12/04/2022

Levei duas semanas para organizar as leituras e escrever o capítulo sobre a história das mulheres. Duas semanas.

"Baixar o sarrafo" - escutei essa expressão duas vezes nos últimos dias. Entendo a imagem, mas não sei o que significa literalmente. Deixa eu ver. (parece que sarrafo é um tipo de tira comprida de madeira)

Fiquei pensando nisso. Sou exigente comigo. Não quero um trabalho mediano. Eu não sei porque quero tanto um trabalho excelente. Às vezes, acho que é individual e tem a ver com minha própria história. Outras, tenho a impressão de que, para conseguir dizer o que quero dizer, como mulher, eu só posso fazê-lo se for algo excelente. No meio tempo, acho que estou enlouquecendo. Queria acordar na pesquisa, comer pesquisa, dormir pesquisa. Eu já sonho com ela à noite. Estou completamente envolvida e é difícil ter que trabalhar ou fazer outras coisas - da casa, por exemplo.



14/04/2022

Pensando no capítulo da Escrita de si.

O que é mais importante trazer - somente o Foucault ou também os comentadores que me ajudaram a pensar com ele?

Percebo que já há bastante gente falando sobre escrita de si - isso seria um problema? - escrever sobre escrita também é necessário?

Há muitas nuances nisso de pesquisar. A gente nunca sabe o quanto é o bastante para as leituras e, ao mesmo tempo, depois não saber como articular tantas leituras no texto.

A gente fica contaminada por elas e parece que perde qualquer coisa de original. Ao mesmo tempo, se a gente não diz o que leu, acaba se tornando uma apropriação indevida.

Essa escrita é dura, pura negociação.

Jogo: por um lado, um exercício de hypomnemata - escrever o que estudamos para incorporá-la.

Por outro, exercício de exegese cristã - colocar para fora e tentar dizer quem disse o quê.

Li tanto nos últimos meses que tudo se mistura em mim e já não sei se as ideias são minhas ou de outros. Contaminei-me.

Por que a escrita de si e não a escrita do eu ou autobiografia?

- caráter confessional

- escrita do eu - vínculo com algo permanente

Si - desfazer-se para refazer-se

Sinto algo nessa tensão entre si x eu

Tenho a impressão da negação subjetivo, como se fosse um problema

Esse problema não seria uma sombra cristã?

(começo a problematizar a escrita de si) ela faz sentido para mim, no entanto, pensando nas escritas em que o "eu" se apresenta de antemão, quem dá o corte dizendo que "não pode"?

Por que as pessoas (o sujeito) não podem afirmar esse eu?

Qual a diferença entre o machado cristão e o machado filosófico contemporâneo, já que ambos interdita o eu?

(posso estar completamente enganada, mas vejo mais uma vez a sombra de cânones masculinos por trás daqueles que autorizam quem fala e como fala)

O eu que condenam seria o "eu burguês"?

E eu-outros?

eu-mulher

eu-favelado

eu-bicha

eu-não-branco

eles podem se afirmar ou somente como um devir?

(sinceramente, eu não de venho mulher. Eu sou mulher)

A questão do nome próprio e sua não necessidade: somente alguém que já se autorizou, já "conquistou" seu lugar (mesmo que provisório), é capaz de apagar seu nome sem maiores dores. Para aqueles e aquelas que, durante séculos, foram apagadas e apagados, foram "anônimos", afirmar seu nome é uma necessidade, é constituidora de subjetivação.

Perguntar para as alunas se elas apagarão seus nomes dos textos. E o que isso causaria a cada uma

Minha carne não cabe na folha da página  
acadêmica

Nessas centenas de milhares de páginas  
científicas, escritas tão dedicadamente, o  
meu pulso não conta

Não pulsa vida

Não há gente

(Há apenas ideias de gentes, mais até do que  
gente com ideias)

Carnes vivas não cabem na folha das páginas  
acadêmicas

Apenas o cadáver, apenas o corpo  
anestesiado, a ser aberto, dissecado

A superfície do papel não traz a textura de  
uma pele

Deparo-me com uma escrita sem tato

A vida não cabe na folha das páginas  
acadêmicas

Dizem tanto sobre sujeito. Su-jei-to

Qual sujeito?

Brinco com o conceito, rasgo as palavras.

Repito o termo até gastá-lo.

Sou sujeita,  
e, ainda assim, não sujeita a qualquer  
discurso.

Não me sujeito a vocês

a minha carne não lhes cabe

(Não há espaço para a brincadeira, o lúdico  
pode ser estudado, mas não efetudado)

Sujeito. Leio como se falassem de outros. Não  
a minha condição humana. Não minha prima,  
nem minha irmã ou meus pais. Um outro  
distante.

Falam de sujeito, menos de mim. Ou de você.  
Ou dela. Ou dele. Falam de sujeito, mas o  
texto não pode ser subjetivo.

22/04/2022

Falam objetivamente do sujeito.

A subjetividade não cabe nas páginas  
acadêmicas, ainda que escorra entre as  
palavras (supostamente) objetivas.

Séculos de perguntas filosóficas:  
as vozes masculinas ecoando respostas das  
mais diversas

Também trago as perguntas, também vibram  
em mim tais inquietações

Mas suas respostas não ressoam, não dizem,  
não transparecem

A minha voz não encontra seus ouvidos,  
porque falo enquanto sangro, enquanto  
vibro, enquanto vivo

A lógica deles não funciona o tempo todo.  
Nem para eles. Muito menos para mim.

Escrevem objetivamente para fingir que não  
falam de suas próprias histórias. Não existe  
teoria filosófica objetiva. São as  
inquietações individuais, subjetivas, que  
levaram esses homens a escreverem suas  
filosofias. Mas eles gostam de fingir sua  
objetividade. Gostam de fingir que suas  
histórias pessoais – seus corpos – seus  
desejos – não atravessam teorias tão  
“grandiosas”.

Não quero dissertação-espartilho, a me  
deixar sem voz, sem conseguir respirar.

Estaremos no lugar errado? Seria possível  
escrever dissertação-corpo, em que a carne  
caiba?

Pesquisar sobre escrita das mulheres: matrioscas - cada vez que abrimos um assunto, mil assuntos se apresentam dentro

Não é que esses assuntos sejam dissociados, um compõe o outro, em um jogo complexo de...



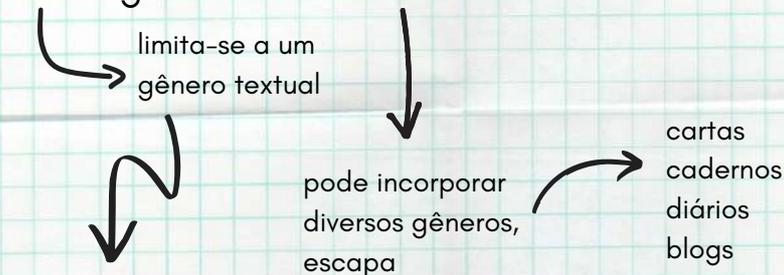
23/04/2022

Traz a ideia dos nós para os capítulos

(ao longo do texto 3 nós se apresentam. Não pretende solução, somente apontamentos)

25/04/2022

Autobiografia ou escrita de si?



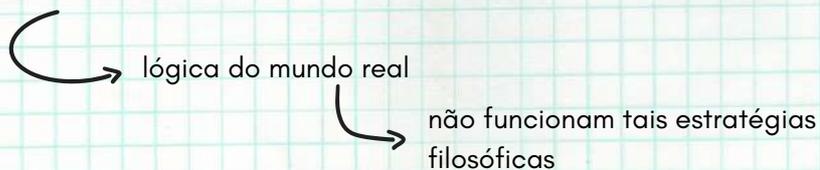
traz a ideia de uma verdade, de um real

(Acho que escrevo tanto para depois desescrever)

Quem se favorece do desvincular a noção de autoria e autoridade?

Por outro lado, após séculos de invisibilidade, quando finalmente surge uma possibilidade das mulheres se virem como autoridade, essa noção é desfeita e, novamente, voltamos para as sombras.

De um lado, diminui a força dos cânones masculinos, destituídos, então, da autoridade que tinham



28/04/2022

Termino de escrever o segundo capítulo. Para mim, o mais desafiador até agora – pois, quem sou eu na fila do pão para falar de Foucault? Mas falei. Falei de, falei com, falei contra, falei apesar de. Olho para os textos que escrevi até esse momento e vejo mais citações e outros autores do que a mim. É um texto cru, sem trabalho ainda sobre ele. Escrever para descrever para reescrever. Tomo consciência do tamanho da pesquisa e percebo o quanto ela é grande demais para caber no mestrado. Não por ser excelente – longe disso – mas porque levanto mais questões do que sou capaz de sustentar em um mestrado – não há tempo nem tamanho de texto para isso. Arrisco. Quero deixar as questões levantadas.

Ainda tenho dois capítulos já iniciados que preciso terminar. Ainda tenho muito trabalho, mas a vontade é de voltar ao texto para começar a reescrita.

01/05/2022

Como escrever sobre autoeducação e curso de escrita? O que eu estou querendo trazer?

- aspecto do trabalho (interno) que cada uma faz quando decide escrever

Qual é o nó? – Como acontece esse processo?

- Ou de que forma podemos colaborar para que isso ocorra?

- Ou quais são os autores e as autoras que tratam dessa questão?

03/05/2022

Por mais que tente, fico numa idealidade com o texto. Olho para ele e penso que queria ter escrito, dito, tudo aquilo de uma outra maneira. Acho que está careta, duro, chato. Queria um texto provocativo, gostoso de ler. Queria texto ideal. Como sair da idealidade do texto? Às vezes, também acho que estou fazendo “tudo errado”. Fico querendo que todos leiam para que eu possa saber o que está errado. Quero a validação dos outros (eu realmente acho isso importante). Não quero um texto para mim. Quero texto diálogo.

Também olho e sei que exagerei. É um exagero para um mestrado. Mas não soube fazer de outro modo. Não pude. Não quero cortar nada.

Da responsabilidade em escrever sobre Steiner:

- o autor é tão complexo que a tarefa de “traduzi-lo” parece impossível – cada linha que escrevo, me pergunto se eu realmente o compreendi e se estou conseguindo torná-lo acessível a quem me lê.

- outro ponto – essa é a área do meu orientador. Tenho uma admiração tão grande por ele que não queria que ele se decepcionasse comigo – pensando que não entendi nada do que ele vem me ensinando.

- ainda tem o preconceito que Steiner sofre na academia. Não é que o autor não possa ser criticado – todos temos –, mas, mais do que isso, ele é simplesmente ignorado, como se a obra dele não tivesse nada de bom

14/05/2022

15/05/2022

Sinto nos meus ossos, no meu estômago, no pulso das minhas artérias, uma responsabilidade na escrita da parte sobre educação e mulheres. Não sei o porquê. Tenho uma vontade de choro, não de tristeza ou medo, mas de encontro com algo. Hoje pela manhã, chorei enquanto lia Audre Lorde - ela traduz o que sinto em relação à poesia e ao erótico, mas, mais do que isso, ela me convoca a uma atitude, ela me incita a me revisar, a olhar meus medos, a fazer algo. Acho que foi na leitura dela, pensando em tudo o que estudei sobre a autoeducação em Steiner, que me surgiu a vontade de escrever essa parte do texto de um outro modo. Não sei se será possível ou o quanto será possível. Mas eu preciso tentar, porque não posso falar levemente sobre educação, escrita e autoeducação de mulheres. Sinto a voz de Audre a me convocar. Sinto a necessidade do texto erótico que andei reclamando há uns dias. Tem tanta, tanta coisa nesse lugar. Preciso organizar minhas ideias.

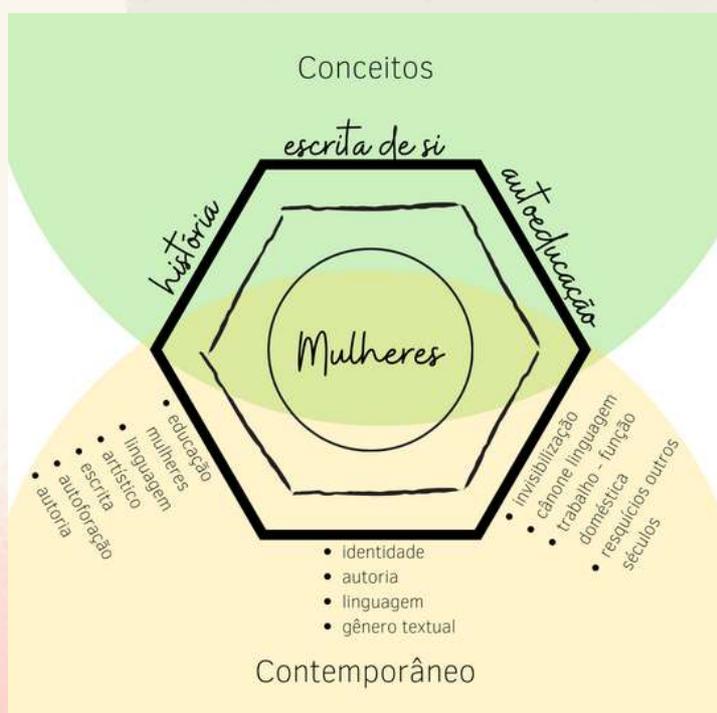
16/05/2022

Questiono-me se é possível fazer as articulações que gostaria em um texto que, sendo acadêmico, não perca o erótico.

16/05/2022

*Ensaio para uma introdução à autoeducação e mulheres*

Para discutir os temas dessa parte, peço um respiro, pois há muitos fios nos nós relacionados à educação, à autoeducação e às escritas das mulheres. Esse texto vem carregado dos afetos produzidos por Audre Lorde em mim. Sinto que ela me convoca a escrever de um outro modo - talvez, instigada que estou com as provocações de Steiner, não consigo pensar em fazer as próximas associações sem me valer de uma escrita reflexo de uma singularidade, a qual busca trazer o erótico - no sentido apresentado por Audre: "o erótico é o que estimular e vela pelo nosso mais profundo conhecimento". Será possível, em texto acadêmico, trazer o erótico, reflexo de um conhecimento vivo, como apontado por Steiner? Espero que sim. Diante desses muitos nós, novamente, chamo pelas mulheres do contemporâneo a pensar comigo e desatar as questões tão emaranhadas.



20/05/2022

O texto todo pronto, enviado ao orientador. Aquele sentimento confuso de alívio e medo, de alegria e insegurança. Ler e escrever e reescrever me transformaram tanto – eu tenho achado. Escrever sobre Steiner e autoeducação mexeu muito comigo. Parece que compreendi alguns aspectos que ainda não tinha alcançado. (espiral. É isso que falam do conhecimento, não é?)

Ontem, escutando as alunas, me dei conta de um aspecto da dificuldade que se tem em escrever narrativas – a história precisa estar viva em nós para conseguirmos escrevê-la. Viva mesmo. Pulsando. Tem um conto folclórico que uso há algum tempo para falar da narrativa, agora ele faz mais sentido. É a história da *La Loba*, contada pela Clarissa Pinkola.

Uma senhora passa o dia no deserto recolhendo ossos. À noite, ela vai para uma caverna, acende uma fogueira, junta os ossos, próximo à fogueira, e começa a cantar. Ela canta e os ossos vão se organizando e formam um esqueleto. Ela canta e a carne começa a aparecer e os músculos preenchem o esqueleto. Ela canta e a pele cobre a carne, os pelos cobrem a pele. Ela canta e uma loba se faz em sua frente, ganha vida e sai correndo pelo deserto, transformando-se numa mulher.

Escrever histórias, narrativas, para mim, é fazer como *la vieja* – recolher ossos, criar um calor, cantar e deixar que apareça uma estrutura que vai sendo preenchida e que ganha vida, para sair pelo mundo. Eu sempre uso essa imagem, mas, agora, ela faz mais sentido, depois de toda essa leitura. É a vida. É a vivacidade que torna a narrativa possível: no sentido de aquilo viver na *vieja*. Ela canta, pulsa, torna vivo, com palavras, o que era apenas resto. Ela dá calor ao que estava frio e morto. Contar histórias não é isso? Escrever não pode ser exatamente desse modo: juntas os pedaços abandonados e dar vida através das palavras?

Até isso queria que entrasse, mas sei que não cabe, pois já tem muita coisa.

julho - setembro de 2022

04/07/2022

(em um caderno novo)

Semana da qualificação. Finjo (mentira, não finjo), quer dizer, eu me ocupo de muitas outras coisas que preciso fazer - porque eu realmente preciso - e acabo não me dedicando para a qualificação. É medo que chama?

Enfim, a ansiedade é tão grande que me esqueci de deixar essa folha para a abertura do meu *diário de mestranda*.

- (A qualificação foi um
- momento tão incrível que
- saio dela sem palavras.)

25/07/2022

Me preparo para a primeira entrevista individual. [Marquei as rodas, marquei algumas entrevistas, apenas duas não me responderam, mas eu sei o quanto a vida dessas mulheres tem muitas demandas]

De novo. Me preparo para a primeira entrevista individual. É necessário certo formalismo? Ferve-se um chá, abre-se um vinho? Como se preparar para esse momento que busca ser encontro-escuta-troca?

O ambiente é virtual - parece longe, distante. Mas eu e minhas alunas já estamos acostumadas e parece que a intimidade das casas invade o espaço de nossas conversas. Será assim também nas entrevistas? Ou haverá o peso de uma dureza acadêmica? Como se prepara para uma entrevista em pesquisa? Decoro as perguntas, mantenho-me presa ao objetivo dessas perguntas - que absurdo, eu penso, nem parece que estou na pesquisa cartográfica.

27/07/2022

Entrevistei a primeira aluna e foi bom - exercício de escuta, de atenção, de se deixar levar. Ela me conta sua história com a escrita desde pequena.

Me preparo para a segunda entrevista. Hoje estou cansada, me recuperando de um resfriado forte.

Fiquei pensando que, talvez, o maior incômodo em uma entrevista para uma pesquisa é o medo de ser julgada. Esse incômodo é meu ou também de outras mulheres que participam de entrevistas? Acho que, por isso, a escuta. Não sei. Também tenho a impressão de que os acompanhamentos me prepararam para esse momento. Nos acompanhamentos, não importa o que eu acho - mas é isso do encontro, da escuta, de saber o que a aluna acha do seu texto, da sua escrita - e no encontro, a gente caminhar para uma aceitação maior do próprio texto.

[o quanto está difícil - as pausas, as travas]

28/07/2022

03/08/2022

Depois da 5ª entrevista, tenho dúvidas acerca de algumas perguntas. E tenho vontade de entrevistas todas as alunas do Travessias.

(Tenho estado doente. A única coisa que faço, além de descansar, são as entrevistas. Hoje, enquanto entrevistava, tossi muito. Ainda bem que pude desligar meu microfone.... teria atrapalhado tudo....)

12/08/2022

Pensando na roda. Eu estava inquieta, preocupada, porque não planejei muita coisa. Escrevi para o Jonas e ele me lembrou que rodas são assim mesmo – a gente sai do centro. Lembrei das danças. Ele me lembrou das rodas de capoeira, de ciranda, de samba, de chorinho – me disse dessa ancestralidade que parece ocorrer nas rodas brasileiras. Fiquei feliz, não tinha pensado nisso. E fiquei mais tranquila. Depois, me dei conta que o meu trabalho no Travessias, nos encontros, é exatamente assim – são as alunas que falam, que contam, que leem. Eu escuto, às vezes, faço uma provocação ou outra, mas só.

Ontem, foi o encerramento de uma turma e foi bem emocionante. O tema da última aula são as cartas e nós fizemos um “amigo secreto” de cartas. A proposta era escrever uma carta para alguém da turma, sem saber para quem – sorteamos na hora. Esse momento é sempre surpreendente em todas as turmas, mas nessa, há uma sinergia entre as alunas, algo bem bonito. No final, elas se deram conta que as cartas eram de todas para todas, destacando a importância desse momento de troca, de escuta, de estarem juntas. Foi bem bonito. Trago para cá, porque foi justamente uma roda, as cartas giraram, o sorteio fez um círculo perfeito: terminou em quem começou. E as impressões e inquietações que elas trouxeram têm tudo a ver com o que vem surgindo sobre isso das rodas.

19/08/2022

Na lida com as transcrições, mistura de sentimentos. O desprezo por centenas de páginas de transcrição e, ao mesmo tempo, a vontade de entrevistar todas as mulheres que fizeram o Travessias.

O processo de transcrição – na verdade, de correção da transcrição – é muito cansativo. Eu gosto de escutar o que estão falando, eu me interesso por tudo aquilo, mas ter que reescrever cada palavra é bem chato... tenho feito como mergulhos e aberto espaços para respiros.

12/09/2022

15/09/2022

Enrolo.

Sinto uma lentidão excessiva na transcrição das entrevistas. Vou escrever artigo. Vou pensar no doutorado. Vou estudar Foucault, feminismos. Vou... enrolo.

Novelo longo, demorado. Novela.

A escrita do artigo organizada. Acaba a energia da casa. Perdeu. Fazer de novo.

Enrolo. Devia estar transcendo o dia todo. Aquelas palavras. A-que-las palavras. Talvez, eu esteja com medo de, ao analisar, julgar. Quem sou eu para olhar as palavras das minhas irmãs? Não quero jogar. Talvez, Foucault tivesse razão – ele não atribuía valor ao que via, apenas dissecava. Mas eu tenho útero e sangro todos os meses. Lidar com o sangue é lidar com um corpo vivo. O corpo vivo da palavra alheia. É preciso uma delicadeza para lidar com um corpo-palavra-viva.

Mercúrio tá retrógrado, disseram. Não sei exatamente o que significa, mas penso nessa “comunicação” que volta, que dá passos para trás. Talvez, seja isso, estou a dar passos para trás para poder olhar de outros modos.

## 26/09/2022

Dos meus dramas de pesquisa.

O peito dói. Literalmente. Cruzo o braço por cima do peito, que é o jeito como me coloco quando estou ansiosa.

Estou ansiosa. Muita coisa para fazer. Como analisar, como lidar, será que vou fazer certo, será que farei um boa análise, e as que eu não consegui levar para o trabalho, será que elas vão ficar tristes comigo, ela vão ficar tristes, mas essas que faltaram falaram coisas preciosas, e as rodas de conversa, é mapa, como faz mapa, achei uns programas legais, nossa, eu não sou tão desconstruída assim, quero organizar, sistematizar esses dados e se eu estiver fazendo errado, acho que não vai dar tempo, o que está apertando meu peito.

O que está apertando meu peito?

É a travessia do não saber. Não saber como fazer. Quer dizer, acho que sei como quero fazer, não sei se estou fazendo certo.

Por que quero  
fazer certo?  
Por que eu me  
desespero?

Por que meu  
peito aperta?

## 27/09/2022

faço tabelas, muitas. Organizo separo sistematizo. Fico me perguntando onde está a cartografia.  
E percebo: me estruturo para me desestruturar territorializo para desterritorializar mas é sempre tudo um exagero.

## 28/09/2022

(lidar com Deleuze é sentir necessidade de traduzi-lo. É bem óbvio que a necessidade de compreender tudo é o que criticam esses autores. No entanto, quão molar é um pensamento que não pode criar comunicação?)

Dividir dissertação em cadernos

## 01/10/2022

[filosofia da escrita - é possível criar conceitos próprios (pensando junto a Deleuze e Guattari)]

Agora, quando entro nas palavras delas, quando lido com as entrevistas, não quero sair. Quero morar dentro da pesquisa. Vou me sentindo tomada, sinto tudo vibrar em mim. Cada pensamento, cada frase dita, tudo me toma. É como se eu fosse junto. É difícil dizer dessa sensação, porque a palavra possível seria unidade, mas não é isso - eu me sinto junto, colada, mas em uma multiplicidade. Porque as ideias me ampliam, mais do que grudam. Eu me junto a elas e me sinto multiplicada, explosiva, aumentada. Tudo se desfaz de um sentido único e as possibilidades se ampliam. Alago.

03/10/2022

Escrever dissertação em meio à vida viva. Sem possibilidade de fechar a porta do meu quarto, escrevo e estudo com o barulho da máquina de lavar roupa ao fundo, as panelas na cozinha (tem um homem cozinhando para mim), as eleições a cortarem as leituras, os relacionamentos a pesarem nas palavras. A separação eu-mundo, fria, objetiva, não aparece no meu trabalho, muito menos nos relatos das mulheres. Não existe divisões entre os cômodos, entre os sentimentos, entre os pensamentos. Nossa escrita parece estar, quase sempre, visivelmente contaminada pelos afetos produzidos no encontro com o mundo. Me pergunto se somos, se fazemos mesmo essa distinção. Nossa escrita não disfarça o que nos desestabiliza. Será que, ao invés de subjetivação, não poderia chamá-la (a escrita) de nua ou de crua?

04/10/2022

Lidando Deleuze e Guattari

Ao estudar esses dois, me pego pensando nos mapas. Como criar mapas a partir das entrevistas? Como abrir suas múltiplas entradas, ou melhor, como vê-las?

O mapa é rizomático. Isso diz da possibilidade das conexões infinitas, das não cristalizações, de perceber o devir nessas conversas cartografadas. Lidar com Mil Platôs é romper com o pensamento cristalizado, é quebrar as certezas e lidar com a insegurança que o novo produz.

?/10/2022

Eu leio o que as alunas falaram do Travessias e tenho vontade chorar - na verdade, eu choro. Não é porque elas só falaram coisas lindas - mas falaram. Eu imagino que, talvez, elas não se sentissem à vontade para criticar. O que me emociona é outra coisa. Não sei se sei nomear. Quando eu criei o Travessias, foi em um ímpeto para pensar outros jeitos da gente se colocar a escrever. Queria contar de todo processo de criação do curso. Mas não preciso. Foi um furacão a juntar momentos diferentes e loucos em minha vida; foi mistura de sonho realizado com o susto da pandemia, foi enfrentar o medo das câmeras e me alegrar com tudo o que estava estudando. A verdade é que, passados quase 3 anos da sua criação, eu ainda tenho inseguranças e ainda me emociono com as alunas lendo seus textos em cada aula. Eu choro, porque, ao escutar as pessoas, ainda não acredito que fui eu que fiz (e continuo fazendo).

Como não chorar com a aluna que consegue afirmar, depois de meses sem conseguir pronunciar "eu escrevo"? Como não chorar com a aluna que diz "eu me ensinei e você deixou"? Sabe, é tão maluco isso, porque olho para elas e digo: "amadas, eu não preciso deixar nada, vocês é que precisam se autorizar". Ao mesmo tempo, eu faço a mesma coisa. A própria dissertação, eu quero que seja lida e autorizada por cada uma delas.

?/10/2022

Enquanto lido com os dados, percebo espelhos. Vejo em nossas falas o reflexo de tudo o que foi trazido na teoria. Talvez, a imagem possa ser invertida. Vejo a teoria como um espelho das conversas surgidas nos nossos encontros. Espelhos não são realidade - são apenas imagens em uma determinada superfície.

16/10/2022

O esquema que tinha pensado para fazer a análise acabou por ficar bem mais complexo do que eu imaginava. Enquanto tento encontrar o que destaquei no quadro, acabo percebendo que, talvez, isso não contemple coisas importantes, que aparecem nas falas e nas teorias. Fico me perguntando se vale a pena insistir nele. Talvez, não. Olhando para a temática e, enquanto procuro nas falas, vou observando que é quase tudo a mesma coisa - o processo de subjetivação através da escrita e é difícil separar em linguagem, identidade, autoria e escrita, porque essas linhas se cruzam o tempo todo. Como organizar um texto que evidencie esse cruzamento? Porque, por outro lado, ao voltar à teoria, encontrei uma relação com as falas de todas elas.

De um lado, a teoria, do outro, as entrevistas.

Há um espelhamento.

A questão: como evidenciar isso através da escrita desse texto?

Tenho a impressão que, se eu organizar o texto do modo como tenho pensado, algumas questões importantes podem desaparecer.

(Faço um desenho. A pesquisa é rizomática.)

17/10/2022

(Pensando → prática de liberdade)

↓  
não ser escrava

↓  
relações de dominação interiorizadas

↓  
como escrever se ainda nos atravessam as objetificações através dos discursos e das relações sociais?)

17/10/2022

Traduzir em palavras o que as palavras traduzem para cada uma delas. Não. Não é tradução. É trazer. Trazer para o texto aquilo que nos move nessas conversas sobre escrita. Acho que ainda não. Há algo de tradução, como uma delas aponta.

17/10/2022

Separar por temas → problema → é rizomático

- O que preciso? → escrever relatório

↓  
- trazer análises

- verificar se os objetivos foram cumpridos

↓  
Estou tentando separar o inseparável → ao trazer os 4 aspectos

O quanto as falas se aproximam ou se afastam da teoria

+

Percepção dos objetivos nas falas

+

A questão dos temas + a fala delas

+

As respostas às perguntas que fiz

17/10/2022

A escrita salvadora, redentora. Esperamos que nossos textos nos salvem - aproximamos a escrita desse lugar do Cristo, o Redentor. Pode ser que seja para alguns. Mas quero pensar em outra escrita. Quero pensar numa escrita Maria, nem só a santa, nem só a puta, mas também as duas. A escrita nos salva? Talvez. Mas ela faz outras coisas, assim como colo de Maria - não a sagrada, inalcançável, mas essa e outras deusas alcançáveis para nós. Sabe, aquele colo, aquele cheiro que permite choro? Oxum, plena, dourada, a abrir os caminhos das águas para mim. A preta véia, minha vó, a beijar meu rosto molhado, as fadas das flores do jardim. Sabe? Essa escrita não me salva, ela abre espaço para que eu seja eu mesma. Escrita-ninho. Escrita-abraço. Escrita-espaço de existência. A escrita é a mãe que nos coloca no chão para caminharmos com nossas pernas. A escrita não é redentora porque não somos homens que precisam ser salvos de suas violências. Ela é a mãe que entra na frente do pai violento. A escrita não é redentora, porque é ferramenta - supostamente inventada pelos homens e utilizada para nos separar, nos ferir, nos afastar, para se salvarem deles. Se quisermos que a escrita nos constitua, precisamos utilizá-las de um outro modo, porque não tiramos sangue dos outros - nós mesmas sangramos todo mês. É difícil pesquisar sobre as mulheres e a escrita, porque eu mesma preciso escrever tudo isso como mulher, implicada, sangrante. Como escrever de um modo que as amarras se afroem e que a gente possa usar essa ferramenta como esse lugar de liberdade? Fazemos das facas ferramenta para o alimento, podemos fazer da palavra ferramenta para liberdade?

[Quero voltar para as maris. Enquanto escrevo, choro. Vejo na minha dificuldade em escrever a mesma das minhas alunas. Me enrolo nos muitos nós que criei e somente uma mulher, tantas maris, é capaz de me ajudar agora]

18/10/2022

Processo de análise: criar mares, mas não perder a boia



Mergulho no material todo → O que mais aparece em tudo?  
Quais linhas?

→ O que não aparece?

?/10/2022

Finalizar um texto me traz um pedido de desculpa. "Desculpa qualquer coisa", frase muito comum na boca das mulheres antigas. Há esse impulso - será que fui clara, será que trouxe questões importantes, será que fiz um bom trabalho? Todas as inquietações das minhas alunas são minhas também.

Ecoam em mim frases das participantes e frases de alunas que não entraram na pesquisa, Ecoam em mim as vozes das mulheres com quem convivo e já convivi. "Vou ler o texto que não escrevi" é frase de uma aluna. Ela me lê algo fantástico. Queria fazer texto apelativo que chamasse todas para a escrita. Talvez, aconteça.

território da escrita não está no alto  
está na beirada de um cânion  
e demanda pulo  
jogar-se

pule  
Não. não é só cânion.  
às vezes, é quintal.  
às vezes, é sótão, outras, porão.

Quero desidealizar a escrita  
torná-la possível  
acessível  
passível.  
o que quero é impossível. é?  
quero que a escrita seja portinha  
discreta em tempos de guerra  
aberta para quem quiser entrar.

a escrita não pode ser grande coisa  
ao mesmo tempo  
ela cria uma dimensão gigantesca em nós

quero desidealizar a escrita  
ela é pura dor e puro gozo  
às vezes juntos  
às vezes um  
às vezes outro

plural                      possível  
dinâmica                      impossível  
singular                      satisfatória  
pertoinsatisfatória  
longe

sempre controversa  
ambígua  
e fugidia

nunca deusa  
mas sempre sagrada para quem a mantém em si



## **7 NÓS EM TERRITÓRIOS COMPARTILHADOS**



*cada vez que encontro outras mulheres  
para partilhar histórias  
nos tornamos terra fértil.*  
Ryane Leão

Até aqui, neste caderno 2, as individualidades foram trazidas. Elas, eu. Neste Capítulo 7, o encontro entre nós que se fez em duas rodas de conversa. Na imagem do círculo, um centro aparentemente vazio; o que compõe o centro não são as individualidades, mas a troca, o coletivo, linhas invisíveis a marcar o círculo como a medida do raio. Cecília Warschauer<sup>1</sup> faz uma analogia das rodas de conversa com um cesto redondo, composto pela trama e a urdidura a sustentarem esse círculo. Há uma beleza nessas imagens, nesse pensamento de conseguirmos estar em um espaço no qual há trocas e se que faz coletivamente. Entretanto, é preciso que eu diga da dificuldade de, como professora, sair do centro, já que o modo como a educação costuma se organizar é com a figura da professora como centro das atenções. Dar um passo para trás, sair do centro, entrar na roda: exercício necessário e árduo para que a roda gire.

O objetivo das rodas, pensando na pergunta e nos objetivos desta pesquisa, era perceber as diferenças que poderiam surgir quando pensamos coletivamente a respeito da escrita, já que a subjetividade, ainda que diga da individualidade de cada uma de nós, também é constituída coletivamente, como foi debatido no Caderno 1.

Desse modo, este capítulo divide-se em três partes. No 7.1, trago os meus relatos pessoais de como me organizei durante os dias que antecederam, os que passaram entre uma roda e outra, e os que sucederam. Nessa parte, não só o modo como me organizei aparece, mas também textos que escrevi a partir das questões surgidas nesses encontros, principalmente entre as rodas. No 7.2, o que se apresenta é um resumo do que foi debatido em cada encontro, somado às percepções de como se deu a dinâmica das rodas. A parte 7.3 é a construção de um texto coletivo, a partir do que as participantes escreveram e me enviaram, conforme a vontade que elas me trouxeram para a proposta de escrita coletiva.

---

<sup>1</sup> Cecília WARSCHAUER, 2017b.

## 7.1 DAS DINÂMICAS DAS RODAS

### Antes das Rodas, preparativos

*07 de agosto de 2022.*

Ainda doente, mas me recuperando, preparo o material para enviar às participantes. Eu ia enviar somente a lã para se desfazerem os nós. Depois, decidi enviar um caderninho para suas escritas. Como estavam muito caros, decidi eu mesma encaderná-los. Enquanto costurava um a um, pensei que talvez fosse muito bom elas terem alguns dados da pesquisa. Fiquei em dúvida se mandava o primeiro capítulo ou não. Como ele ainda não tem a escrita que eu queria, fiquei insegura. Mas achei que poderia mandar o gráfico e a linha do tempo. Enquanto eu imprimia, pensei no impacto que é ler todos aqueles nomes. Então, decidi fazer um livreto com todos os nomes, organizados pelos anos. Imprimi e também encadernei à mão... Enquanto encadernava, achei que um “mimo” iria bem: coloque lãs com nós em dez lápis. Assim, terminei o material: nós, caderno, livreto, lápis. Queria colocar mais coisas – não sei por que – mas acho que está bom. Eu estou atrasada – ficar doente tem um grande impacto na rotina da gente. Vou ter que enviar por Sedex para elas.

Figura 17 – Fotografia do material enviado às participantes da pesquisa



Fonte: Da autora, 2022.

### 1ª Roda de Conversa.

*13 de agosto de 2022. Dia da deusa Hecate*

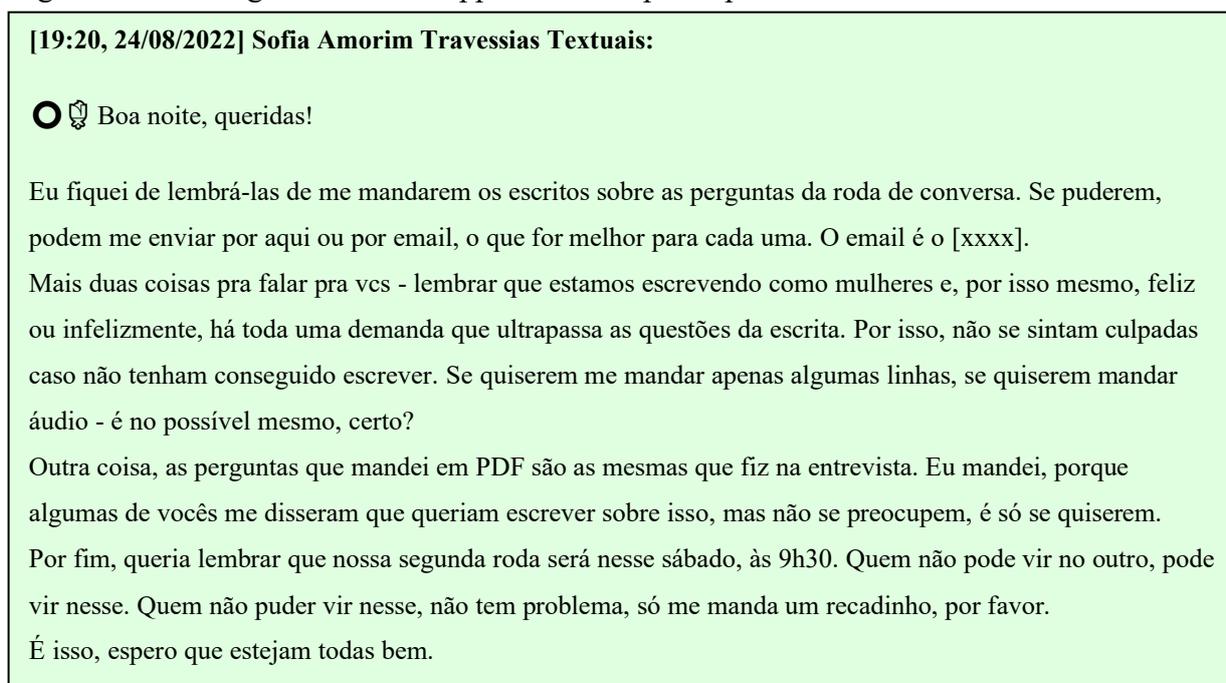
Estiveram presentes seis das dez participantes da pesquisa. Leio o poema: **Constelação**, de Adélia Prado. Pergunto para elas o que trazem para a roda. Escrevemos sobre “o que a escrita diz de nós e o que dizemos da escrita”, depois conversamos sobre as escritas surgidas.

### Impressão sobre a roda – escrita do momento seguinte ao término

Foi algo único e bem, bem interessante. Em um primeiro momento, eu falei muito, contando da pesquisa, das coisas que eu encontrei até agora. Na verdade, antes disso, eu estava muito nervosa, acho que por não saber exatamente como seria. A coincidência com o dia da deusa Hecate me chamou a atenção. Depois de eu falar e propor a escuta, quando as mulheres começaram a falar, foi muito sensacional escutá-las falando – não ficou só em algo que eu falava e elas respondiam: uma ia respondendo às inquietações da outra. Em alguns momentos, houve discordância, mas não senti que era algo no âmbito do ataque. Senti que as diferenças ficavam no lugar de como pensar junto. Ainda que a escrita fosse um dos temas principais, a questão da mulher apareceu bastante, sendo bem debatida. Em alguns momentos, eu trouxe algumas provocações – ou para torcer o pensamento, ou para trazeremos a conversa para a escrita. Proponho uma escrita coletiva, elas têm várias ideias para isso. Combinamos de cada uma me enviar um texto para compor um texto juntas. Saio da roda muito feliz e agradecida.

### Entre as rodas

Figura 18 – Mensagem de What'sApp enviada às participantes



*25 de agosto de 2022.*

Essa semana, está acontecendo em Ribeirão, a Feira do Livro. Sábado, dia 20, as mulheres escritoras de Ribeirão Preto<sup>2</sup> foram chamadas para uma fotografia em frente à Biblioteca Sinhá Junqueira, um lugar histórico que se relaciona com a trajetória de várias mulheres que estavam lá. Eu fui. Enquanto nos organizávamos – havia cerca de 50 mulheres – ouvi uma delas dizer: “eu não imaginava que teriam tantas, achei que seriam umas oito”. Essa fala me marcou – por muitos motivos. Parece que, no imaginário popular, ainda somos poucas, mesmo que, nas estantes das livrarias, já tenhamos muitos nomes. Ao mesmo tempo, assim como a fotografia tirada no Pacaembu, em junho de 2022<sup>3</sup>, o pensamento ocorrido para várias de nós foi a lembrança das muitas mulheres que não puderam estar lá. Eu mesma, aqui em Ribeirão, sei de pelo menos umas cinco mulheres que não estavam – e deveriam estar – naquela foto. A fotografia conta a história de quem foi, mas também de quem não foi. Fiquei pensando nas minhas alunas que escrevem o tempo todo e que não conseguem sequer se reconhecer como escritoras: quantas mulheres não devem ter visto a chamada para a foto e pensaram que não eram dignas de estarem lá, por que não se enxergam como escritoras?

*26 de agosto de 2022.*

Figura 19 – Fotografia das mulheres escritoras de Ribeirão Preto, tirada em agosto de 2022



Fonte: Thainá Rossati, da reportagem, 2022.

<sup>2</sup> Notícia: ESCRITORAS vivem “Um Grande Dia” em Ribeirão Preto, 2022.

<sup>3</sup> Em 12 de junho de 2022, Natália Timerman, Giovana Madalosso e Paula Carvalho organizaram uma foto das mulheres escritoras brasileiras nas escadarias do estádio do Pacaembú, em São Paulo, SP (CAVALCANTI, 2022).

Na 1ª roda, combinamos das participantes me enviarem as escritas para compormos o texto coletivo. Apenas duas me mandaram. Acordei pensando nisso. No que é necessário para que uma mulher consiga escrever – como a pergunta que Virginia Woolf se fez há quase cem anos. Ela tinha razão. Mas tem mais coisa nesse lugar. Tem muito mais. Fiquei pensando na FIL (Feira do Livro), nas mulheres escritoras, em tudo que tenho visto, lido, estudado.

Me lembrei principalmente de Agamben<sup>4</sup> (eu sei, um homem!) e sua *A Aventura*. Ele relaciona a aventura à palavra, aproximando o cavaleiro do poeta, mostrando como narrativa e aventura constroem-se juntas. Para isso, Agamben utiliza-se de cinco divindades citadas por Goethe: Daimon, um “demônio-gênio” (bem mais complexo que isso, mas não há como explicar aqui); Tyche, a sorte; Eros, o Amor; Ananché, a Necessidade; e Elpis, a Esperança. Tais divindades estão implicadas na aventura em que se coloca o poeta-cavaleiro. Talvez, o Daimon seja a mais importante por ser aquele que, ao se encontrar com a figura cavaleiresca, coloca-a em aventura.

Não sei bem por que esse texto me veio tão forte – talvez, eu precise elaborar isso melhor. Mas o que me veio é que, para que a dama se coloque como a poeta-cavaleiresca, tão importante quanto o encontro com seu Daimon, é caminhar junto à Tyche, a Sorte. Para as mulheres aventurarem-se na escrita é necessário que Tyche lhe abra a porta. Em um misto de sorte e coragem, junto à necessidade individual, as mulheres escritoras que conseguiram (e conseguem) se consagrar através de suas palavras tiveram sorte, para além do mérito pessoal. Quanta roupa ficou por lavar, quanta poeira se acumulou, quantas crianças foram esquecidas para que as mulheres pudessem se debruçar por alguns minutos em uma folha de papel? A aventura de uma casa, de uma vida doméstica, deixa pouco espaço para a escrita, principalmente se estivermos sujeitadas a ela. Não basta que abandonem as tarefas domésticas, não basta que tenham conseguido chegar ao papel – essa também é a questão. Tais folhas riscadas jamais sairão de suas gavetas. Para a poeta-aventureira, é necessário que outra divindade apareça – alguma que a faça colocar suas palavras no mundo. Talvez, Tyche, a Sorte, a leve a encontrar essa divindade, ou mesmo, quem sabe, Ananché, a Necessidade, ou Elpis, a Esperança. Mas será mesmo que o que leva a poeta-aventureira a colocar-se no mundo, para além da sorte, é a necessidade ou a esperança?

O que me vem à mente é que, talvez, para os homens, sejam necessários deuses externos para colocá-los em movimento. O que nos coloca em movimento? Eu não consigo

---

<sup>4</sup> AGAMBEN, 2018.

ver a separação entre deuses e mulheres, em uma visão tradicional de um deus separado do ser humano, principalmente das mulheres [e aqui, não quero nos colocar no lugar inatingível dos céus, das santas, mas, sim, do deus da imanência, acessível, cotidiano]. Talvez, por isso, quando pensava nesse texto, lembrei-me das mulheres dando as primeiras palavras às crianças. E me lembrei da outra relação que Agamben apresenta: “a mulher é o próprio evento da palavra”<sup>5</sup>, não o seu dom, não algo pré-existente, mas “a própria narrativa”. Distanciando-se da ideia freudiana e lacaniana de uma pré-linguagem atribuída às mulheres, se pensarmos junto a Agamben e à ideia de que somos nós aquelas a constituir a linguagem – a palavra – nos seres humanos.... [não consigo terminar essa frase], o que nos acontece ao lidarmos com nossas escritas?

[choro]

A minha aluna mais velha. Escreve o tempo todo. Nunca mostra pra ninguém. “Larga de ser exibida”, ela diz a si mesma ao ficar alegre por ter lido um texto seu no grupo pela primeira vez na vida. A vergonha de estar ali, naquela foto, se dizendo escritora. Que tipo de escritora seria eu?

[choro]

Se somos palavras, se sou o próprio evento narrativo, por que não escrevemos? Por que não colocamos nossos textos no mundo? Por que nossa palavra só pode ser a dita em casa, para os próximos, e não a escrita? Qual é a divindade que auxilia a poeta-cavaleiresca a viver sua aventura?

[choro] [pausa]

Qual é a divindade da confiança? Ela nos foi raptada. Não precisamos de musas inspiradoras. Somos nós nossas próprias musas. Mas a confiança, essa, nos foi tirada. Talvez, a coragem. Não a coragem para continuar existindo, essa é nossa melhor amiga, mas a coragem para nos colocar no mundo. Deixo as deusas e me coloco a pensar na história. Penso na invenção da escrita. Atribuída aos homens escribas. Penso na história da escrita e do lugar de poder que ela foi alcançando ao longo dos séculos. A Audre Lorde falando do poder das mulheres, do poder das nossas palavras. Talvez, nós somos nós mesmas nossas próprias divindades. Só nós esquecemos – ou nos fizeram esquecer.

---

<sup>5</sup> AGAMBEN, 2018, p. 37.

*27 de agosto de 2022.*

Me preparo para a 2ª roda que acontecerá daqui alguns minutos. Estou preocupada se as mulheres virão. Duas já me avisaram que não estão passando bem e que provavelmente não estarão. Eu queria perguntar se eu errei em algo, ao mesmo tempo, sinto que há algo ultrapassando a esfera, a dimensão da minha individualidade como pesquisadora. Mais uma me escreve dizendo que não poderá participar. Me sinto triste, minhas mãos suam. Estou com o texto que escrevi ontem na cabeça – na verdade, no peito, pulando. Talvez, eu o leia.

Eu perguntei a elas o que a escrita diz de nós, mas agora me veio a pergunta também: o que a não-escrita diz. Não sei se perguntarei.

## **2ª Roda de Conversa**

*27 de agosto de 2022. 1º dia da Lua Nova. Dia da Deusa Baste.*

Estiveram presentes quatro das dez convidadas a participar. Leio poemas de Ryane Leão<sup>6</sup>. Eu leio o texto que escrevi. Elas leem o que escreveram. Conversamos muito também sobre a não-escrita.

### **Impressão sobre a roda – escrita do momento seguinte ao término**

Eu estava preocupada e triste antes da roda começar, mas, assim que começou, as mulheres entraram com tanta alegria, carinho e amor que isso me contagiou. Eram 4 mulheres, além de mim. Senti falta das outras participantes, mas a roda girou da mesma maneira. Foi bem interessante, porque, hoje, algumas diferenças relacionadas à classe, à cor, à família ficaram evidentes [no que tange a possibilidade de a mulher escrever]. No entanto, não senti que essas diferenças separaram, pelo contrário, senti que as diferenças trouxeram compreensão, empatia, conexão. Fiquei feliz que, na medida dos possíveis individuais, todas falaram, todas contribuíram. Tive uma percepção de que a roda foi para um lugar totalmente diferente da anterior – ainda não consigo pontuar exatamente o quê. Também percebi mais escuta, mais

---

<sup>6</sup> Ryane LEÃO, 2017.

troca. No final, algumas destacaram a contribuição da roda [pedindo para que houvesse outras]. Acho que, nessa, houve mais intimidade – acho que trouxemos coisas mais íntimas.

## **Pós rodas**

*24 de setembro de 2022*

Estava pensando nos silêncios<sup>7</sup>. Nos silêncios das respostas durante as entrevistas. No silêncio das ausências nas rodas. No silêncio das escritas não enviadas. É preciso mapear, porque não existem respostas únicas. Seria fácil dizer que essa ausência é uma coisa só, sem levar em conta tempo, vida, demandas, acontecimentos. O silêncio é comum, os motivos, múltiplos. Nesse silêncio, nessas ausências, poucas falaram, mas me aparecem palavras como esquecimento, a roupa acumulada, o medo, o trabalho, a tripla jornada, filhos, insegurança, outros desejos, vida, outras escritas. Há aquela vontade de atribuir à ausência alheia a uma falha pessoal [minha]. Nem sempre – ou quase nunca – é pessoal. São muitos atravessamentos que ocorrem no dia a dia. Por que significar ausência como falta? Será que silêncio é falta? E nas mensagens que me chegam, vozes carregadas de pedidos de desculpa. Por quê? Talvez, além do silêncio comum, o sentimento de culpa. Esse sentimento é comum ou projeto minhas sombras nas outras?

## **7.2 UM OLHAR SOBRE AS RODAS**

As rodas de conversa foi um momento importante para essa pesquisa – tanto para mim, ao perceber diferentes pontos não abordados nas entrevistas, quanto para as participantes, as quais relataram ter sido uma troca muito boa. Inicialmente, não havia um planejamento na pesquisa para um momento coletivo; no entanto, ao me deparar com o trabalho de Cecília Warschauer, vislumbrei que esses encontros poderiam enriquecer os olhares para as temáticas desse estudo, principalmente quando a questão dos nós – do coletivo – se colocou. Nas entrevistas, foram as histórias pessoais, as relações individuais de cada uma com a escrita que se evidenciaram. Nas rodas, ainda que questões mais subjetivas aparecessem, o que se destacou foi a troca sobre o coletivo. Assim, muitos pontos relacionados à individualidade se diluíram, trazendo uma dimensão maior à investigação da relação das mulheres com a escrita.

---

<sup>7</sup> No Caderno 3, há outro texto sobre os silêncios – das rodas e das entrevistas.

As rodas tiveram diferenças entre si: das dez participantes, na primeira, estavam seis, e, na segunda, apenas quatro (presentes na anterior). Eu senti uma diferença na temática entre uma e outra, mas nada muito gritante – fiquei com a impressão de que, na primeira, falamos mais sobre a condição das mulheres na sociedade e, na segunda, um pouco mais da escrita. Entretanto, essa é apenas uma percepção quase escorregadia: em ambas, a cada vez que pensávamos sobre ser mulher e escrever, a implicação social dessa condição aparecia.

A primeira roda trouxe algo que não esperávamos: uma das participantes acabara de atender uma paciente que havia sido agredida pelo marido. Ela nos relata que, atualmente, atende três mulheres nessa situação, algo inédito em 25 anos de profissão. Ainda que o assunto não tenha sido debatido diretamente muitas vezes na roda, talvez, tenha ficado como pano de fundo: ao longo dessa roda, conversamos muito sobre as opressões, os silenciamentos, a feminilidade imposta a todas nós. A pergunta que conduziu a roda “o que a escrita diz de nós e o que nós dizemos da escrita?” acabou se desdobrando nessa percepção de que a dimensão social atravessa a condição individual das mulheres. A escrita se colocaria como uma possibilidade de lidar individualmente com os aspectos coletivos. Um outro ponto foi a proposta de se lidar com as lãs enviadas: uma delas conta como as manualidades a remete a um lugar de opressão, diferentemente do que foi apontado por outras, como um lugar de encontro consigo e libertação. Essa observação levou o grupo a diferentes perspectivas a respeito das artes-manuais: as opressões aparecem, assim como o lugar do terapêutico, o espaço para a expressão e, ao mesmo tempo, a expropriação do fazer humano, além da discussão sobre a diferença e a importância dada quando são os homens fazendo os trabalhos manuais.

Uma outra ocorrência chamou nossa atenção. Durante o tempo em que pedi para que elas escrevessem, eu coloquei uma música de fundo. Depois de cerca de 5 minutos, uma delas me avisou que a música não estava tocando, mas apenas um ruído – nesse momento, todas elas falaram o mesmo, não havia música, apenas um ruído. Esse acontecimento chamou a atenção na roda: como nos adaptamos facilmente a algo que nos atrapalha, como nos colocamos diante de um incômodo? A partir dessa percepção, a roda se colocou a discutir esse calar-se sobre o que nos incomoda, muito comum entre nós. Nessa roda, também surgiu o tema sobre classe e raça, como fatores essenciais na discussão da relação das mulheres com a escrita, além da importância de se pensar um feminismo que não se paute pelo hemisfério norte, mas se espelhe na própria América Latina, tendo sido citadas mulheres referências como

Dandara<sup>8</sup> e Sônia Guajajara<sup>9</sup>. Essa primeira roda se encerra com o convite para a produção de um texto coletivo; a proposta era de que escrevêssemos um texto juntas, mas elas preferiram me enviar seus textos separadamente para que, a partir da escrita delas, eu fizesse uma composição.

Nas semanas entre as rodas, apenas duas me enviaram a produção escrita. Esse fato me deixou muito angustiada, eu me perguntava como iria compor algo se nem todas haviam escrito. A angústia me levou a escrever alguns textos sobre isso<sup>10</sup>, fazendo com que a pergunta se alterasse: o que a não-escrita diz de nós. A ideia não era atribuir um peso individual ao fato de não terem escrito, mas criar uma percepção de como a vida das mulheres é tomada por demandas que nos afastam do desejo de escrever.

Assim, chegamos à segunda roda, com menos participantes – somente quatro, que estavam na anterior – e sem os textos de todas. Na roda, eu percebi que elas tinham conseguido escrever, apenas não tinham me enviado. Nesse segundo encontro, os imprevistos foram menores e a escrita parece ter permeado mais as conversas. A roda começa com a inquietação sobre o espaço para escrever e em como isso se relaciona ou não com a classe social e a raça (mais à frente, na parte 8.2, na parte Territórios Invadidos, do Caderno 3, trago essa discussão mais detalhada). Um outro ponto abordado foi o modo como a sociedade cobra para que nos comportemos, surgindo os relatos de mães e avós que fingiam ser de um jeito, mas, na intimidade, eram de outro. A formação dos pais também foi discussão, em uma indagação do quanto isso influi no modo como lidamos com a escrita. A relação entre as mulheres – as disputas, as brigas – também aparece nessa roda, com uma parte delas relatando uma dificuldade em lidar com outras mulheres, por causa das “picuinhas” que costumam ocorrer. Talvez, a questão que mais nos fez “mexer na cadeira” foi a levantada por uma participante quando discutíamos o que define uma mulher escritora. Para ela, antes de falarmos sobre ser escritora, precisamos definir melhor o que significa ser mulher. Ela nos indaga: “como se validar como escritora se a gente não se valida como mulher?”. Sua pergunta trouxe um silêncio à roda, já no final, e deixou uma inquietação no ar.

---

<sup>8</sup> Dandara “foi uma das líderes do quilombo de Palmares, companheira de Zumbi e uma mulher que não se encaixava nos papéis femininos estabelecidos em sua época” (Jarid ARRAES, 2015, p. 7).

<sup>9</sup> “Sônia é do Povo Guajajara/Tentehar, que habita as matas da Terra Indígena Araribóia, no estado do Maranhão, Brasil [...] destaca-se por sua luta pelos direitos dos povos originários e pelo meio ambiente.” Foi eleita deputada federal pelo PSOL em 2022. (Fonte: <https://soniaguajajara.com.br/>)

<sup>10</sup> Localizados no “Entre rodas”, da parte 7.1.

Nos minutos finais, elas se deram conta de que estávamos encerrando o processo e algumas expressaram a vontade de estar em espaços nos quais seja possível discutir essas questões entre mulheres. Uma sugere que eu leve as rodas para o doutorado. Outro aspecto que apareceu nos minutos finais foi um “saldo positivo” da pandemia, com elas todas destacando como o virtual possibilitou o encontro entre mulheres que, se ocorresse somente no presencial, jamais se encontrariam, e o quanto a troca entre mulheres de diferentes regiões do país foi enriquecedora para elas.

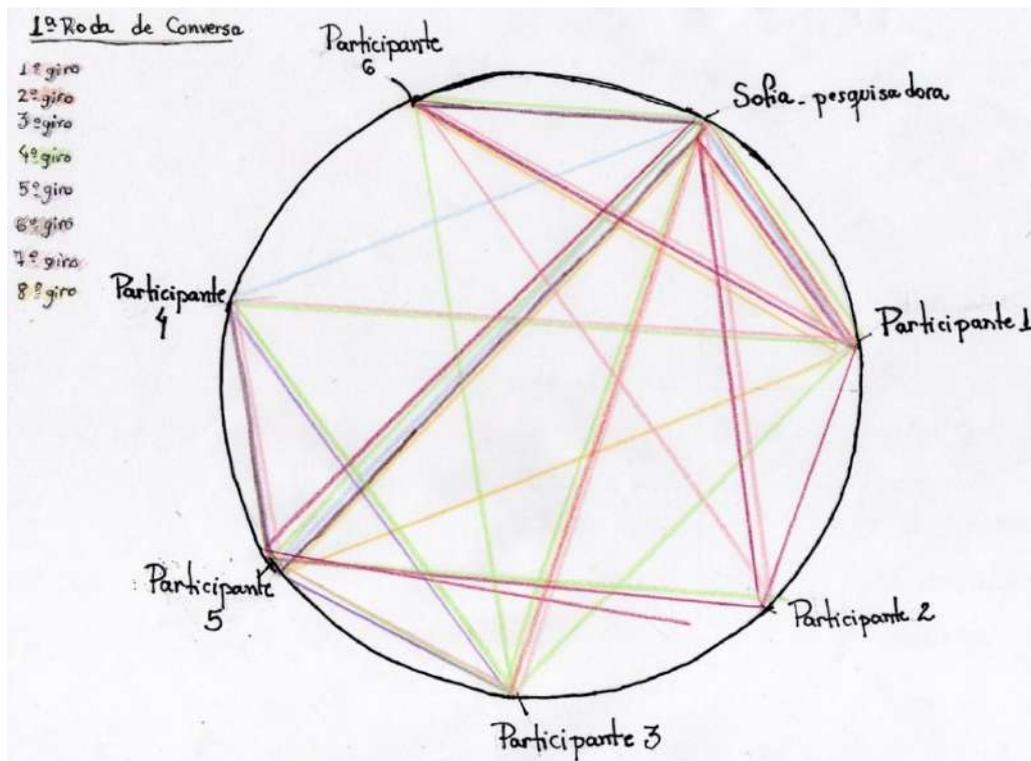
Como dito anteriormente, as rodas trouxeram diferentes perspectivas para os pontos abordados nesse trabalho, com um olhar relacionado ao coletivo. Esse tipo de dinâmica não é tão distante dos nossos encontros no Travessias, no entanto, no curso, elas acabam direcionando suas falas mais para mim do que entre elas, dependendo da turma. Para as rodas, eu precisei me esforçar para sair do centro – não tive sucesso o tempo todo, mas consegui perceber uma dinâmica entre elas, o que achei excelente. Eu busquei falar somente quando sentia a necessidade de fazer uma provocação ou fazer a roda girar. Na condução de grupos heterogêneos, sempre surgem as diferenças: em alguns momentos, houve discordância e a falta de compreensão do que havia sido dito, mas nada que tenha feito a roda parar de girar ou criasse um desconforto. As “picuinhas” entre mulheres não apareceram nesses encontros.

Buscando trazer outros olhares para a dinâmica da roda, eu criei um mapa para cada uma delas, próximo a uma imagem feita pela autora Cecília Warschauer<sup>11</sup>. Separei as conversas entre assuntos – cada assunto foi denominado como um “giro” –, quer dizer, como aquele tema foi discutido entre nós. Os mapas são mapas dos giros, traçando linhas nos diálogos: para cada vez que a conversa ia de uma participante para outra, eu fiz uma linha, sendo que cada giro possui cor diferente de uma linha. Os pseudônimos, aqui, foram trocados por “participante + número”, pois interessou mais a dinâmica dos que as questões individuais. As participantes 1, 2, 3 e 4 são as mesmas nas duas rodas.

---

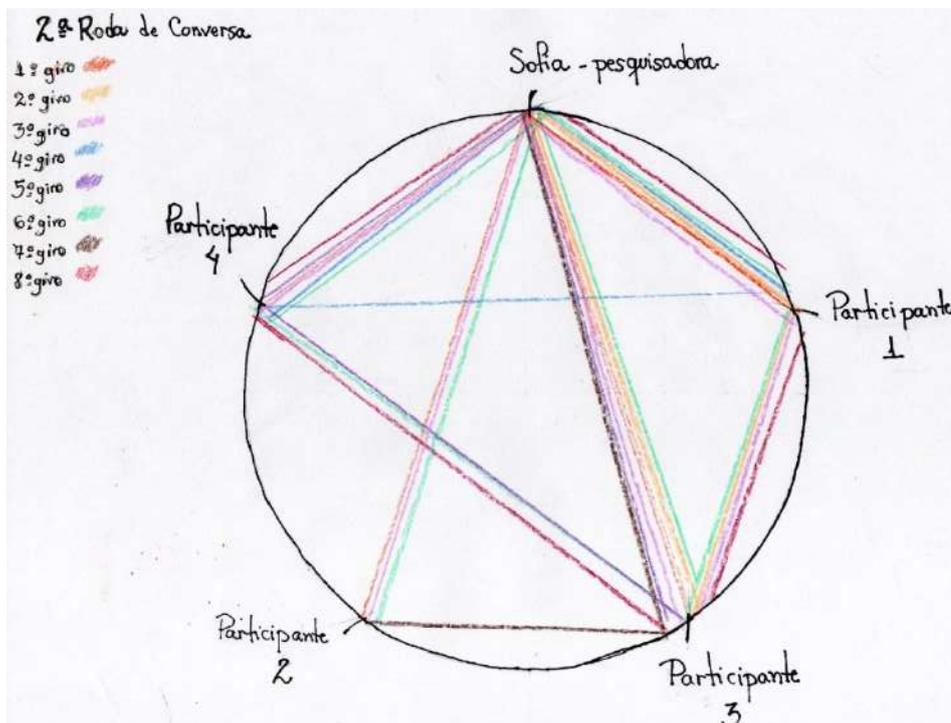
<sup>11</sup> Cecília WARSCHAUER, 2017b, p. 284.

Figura 20 – Mapa da 1ª roda de conversa



Fonte: Da autora, 2022.

Figura 21 – Mapa da 2ª roda



Fonte: Da autora, 2022.

Olhando para os dois mapas, percebemos como na 1ª roda houve uma dinâmica maior entre as participantes. Já na 2ª roda, fica nítida uma centralização maior em mim, pesquisadora. Somente o 5º giro da 1ª roda é que aconteceu sem mim. Também podemos perceber como algumas participantes trocaram mais, outras menos. Algumas trocas não aconteceram entre algumas delas, por exemplo: na 1ª roda, não há trocas entre a 6 e a 4 e a 5, nem entre a 2 e a 3 e a 4; na 2ª roda, também não há trocas entre a 2 e a 1 e a 4; todas essas não-trocas acontecem de ambos os lados, quer dizer, a participante 6 não troca com a 4 e vice-versa, a 4 também não troca com a 6. Isso não quer dizer que houve rixas entre elas, somente que, ao longo da conversa, os assuntos abordados não trouxeram a vontade de participação. Além disso, algumas já se conheciam e outras encontravam-se ali pela primeira vez; algumas são mais tímidas, outras são mais extrovertidas. Como na 2ª roda o número de participantes era reduzido, houve mais tempo de fala para cada e uma troca maior. Alguns giros foram mais longos do que na 1ª roda – algo que não fica visível no mapa. É preciso dizer que os giros e o tempo para cada uma não foram planejados com antecedência, sendo estabelecida apenas a duração máxima de 2 horas para cada roda – a 1ª durou 2 horas e a 2ª, 1 hora e 45 minutos.

Entrando no campo das interpretações (talvez, das linhas moleculares), para além das percepções relatadas, o que me fica é realmente a impressão do quão necessários são espaços de troca entre mulheres. Instigada pelo modo como a sociedade define as relações, a amizade entre mulheres é também atacada e as disputas são valorizadas nos discursos que nos circundam (como bem apontam Silvia Federici, Audre Lorde e Margaret McLaren<sup>12</sup>), em uma acusação contínua de disputa e briga entre nós ou na atribuição da fofoca como algo somente das mulheres. No entanto, nos grupos dos quais venho participando e gerenciando, dentro e fora dos Travessias, em ambientes profissionais e pessoais, tenho percebido o quanto esses encontros trazem força a todas nós, mulheres, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Ao entrarmos nessas rodas, abertas às diferenças que aparecerão e dispostas a desconstruir o discurso internalizado do patriarcado, a escuta nos faz perceber onde nossas dores se encontram e onde se distanciam, onde podemos ser cuidadas e onde podemos ser força umas para as outras, criando laços e redes de apoio, em um grupo que, apesar de numericamente maior, é constantemente apartado. Estar nessas rodas para falar da escrita das mulheres trouxe a relevância do quanto, apesar da importância individual de cada uma, o coletivo tem papel fundamental em nossos próprios processos de subjetivação e em nossa autoeducação.

---

<sup>12</sup> Margareth McLAREN, 2016; Silvia FEDERICI, 2017; Audre LORDE, 2021.

7.3 UM TEXTO ENTRE NÓS<sup>13</sup>

*Sofia (editora), Lavanda, Lis, Colibri, Beija-flor e Noêmia*

A escrita que escorre do corpo de mulher  
enxarcado de silenciamentos profundos  
e o viver  
se confundem,  
se fundem,  
se tecem.

A voz que narra é de dentro  
e me esparramo nua  
sussurrando por abrigo  
para refugiar os medos, fragilidades,  
/segredos  
que escapam entre os meus dedos  
ao vazarem de mim.

Palavras quase sem fôlego  
delineadas pela sombra patriarcal  
me desafiam a sustentar o peso das  
/minhas mãos  
a registrar por teimosia  
na folha vazia  
a afirmação da minha própria existência.

Mas o silenciamento imposto às  
/palavras  
e ao corpo de mulher  
se repete  
e de novo  
mais uma vez  
outra e outra  
mais uma  
e outra também.

Então recuo  
me rejeito  
nego  
escondo  
recuso a encontrar-me  
com a mulher  
que fui,  
que sou  
a descobrir a mulher  
que posso ser.

Me esbarro e faço morada  
em narrativas silenciadas  
histórias roubadas  
invisibilizadas  
que transitam  
atravessam  
confrontam  
nossos corpos femininos o tempo todo.

Vozes vorazes de um patriarcado  
cínico  
impiedoso  
violento  
definem nossos corpos objetificados  
com as feições identitárias da procriação.

Armadilha perigosa e astuta  
é o abrigo feticizado  
da ideologia dominante patriarcal  
a nos convencer sem devaneios  
que não somos livres  
a nos transformar  
em propriedade  
possuir nossos corpos  
nos render como servas  
silenciar nossas vozes.

Ainda assim nesse sopro de vida  
que há em mim no momento que escrevo  
me permito escutar  
as vozes poéticas femininas  
a anunciar  
denunciar  
a força de nossos corpos  
a confrontar o silenciamento  
a pronunciar que a nossa escrita de  
/mulher

é política  
indócil  
profana  
é memória  
é a história que ecoa em todas nós.

<sup>13</sup> Reunião dos textos enviados pelas participantes sobre a temática das Rodas de Conversa, organizado por mim.

O que a escrita diz de nós está em forma enigmática, por ausência de espaço, de visibilidade, de valorização da mulher no processo histórico. A escrita se calou sobre nós, silenciou, fingiu que não viu, olhou para o outro lado, e nos deixou nas páginas do esquecimento. O que nós dizemos da escrita ficou nas sombras, nas gavetas, nas páginas perdidas dentro de um livro, nos cantos da casa, nas cartas. O que nós dizemos da escrita atravessa séculos de penumbra e de resistência; não deixamos nunca a escrita, apenas caminhamos em busca de um espaço em que essa escrita possa, além de brotar, florescer.

A escrita diz  
podemos tramar as palavras,  
dar forma, organização  
e ir nos estruturando nas possibilidades.  
Nós dizemos da escrita  
é preciso insistir,  
ter cuidado e  
tempo.  
A satisfação está  
no fio que nos conduz,  
na beleza do emaranhado,  
no ser movimento e se movimentar.

Entre as mãos – a linha. Na altura do peito. Cabeça um pouco inclinada para ver melhor.  
Olhos, peito, mãos na linha. Três. Tridimensão.  
Em algum lugar entre esses pontos – o centro.  
No centro – eu. Eu centrificada. Concentrada.  
Ao meu redor – o mundo.  
Quem está ali? Uma mulher oprimida ocupada de suas tarefas domésticas? Um ser buscando o mundo plasmado em si, buscando em seu centro o universo inteiro?  
Universo. Verso. Palavra. Escrita. Fio da meada. Que escapa das mãos, atravessa por dentro de mim e retorna ao mundo – de onde veio –  
deixando em mim sua marca  
levando a mim na linha de seus versos.  
Desculpe, a escrita me deu voo.

A escrita como lugar exige pertencimento, identidade. Como território, unidade, limites.

A escrita pode e deve ter ou ser tudo isso, mas como se chega até aí? Como eu traço

esse percurso dentro dessa escrita? Ou eu crio outra escrita? Como eu delimito o meu território? Esse lugar é dentro ou fora do meu corpo? E o meu corpo, como fica nisso tudo? É tudo isso comigo dentro?

A partir de qual lugar falo?  
 Dormi com a pergunta  
 A Palavra me despertou  
 “Casa da Palavra, onde o silêncio mora...”  
 Palavras me tecem, nomes que me fiam...  
 Enquanto tomo café, escrevo,  
 A palavra me alimenta...  
 Pão, aquecido na casa do meu irmão  
 Vinho, compartilhado na alegria do encontro informal...  
 No mesmo lugar, trabalho e laser...  
 A alegria do vinho é passageira... O que não é?  
 O pão que me alimenta pode me adoecer...

Alimento-me da Palavra do outro,  
 Da minha...  
 Reverberam ainda as palavras do encontro  
 Entre o feminismo e o emaranhado das linhas...  
 Entre nós e os nós a serem desatados...  
 “Cama-de-gato”, onde enlaço e desenlaço...  
 Movo-me, enquanto a casa ainda dorme...  
 O que em mim aflora?  
 Escuto de memória Caetano:  
 “Hora da palavra, onde não se diz nada...”  
 Lembro meu irmão  
 Seu silêncio é denso e corta como faca...  
 Fujo do tema?

Nós dizemos da escrita que ela é território.

É lugar.

Lugar de nascer a própria carne.

Lugar de nascer o broto.

Pensar a sua escrita é um exercício de se pensar.

Por que eu escrevo, pra quem eu escrevo?

Como eu me coloco como escritora?

Essa palavra é minha ou é de outro?

Acredito que escrever é uma forma de se posicionar no mundo. É uma forma de estar presente aos fatos que acontecem e tudo o que está o meu redor, mas, mais do que isso, é a forma como eu sinto e vejo as coisas. É um olhar diferenciado, para o mundo, é o meu olhar. É das janelas dos meus olhos que eu vejo e interpreto as coisas. Às vezes, um indignar-se, outras vezes, apenas admirar.

Como isso chega a cada pessoa é de uma forma individual, mas dentro de um contexto socio-político que pode ser opressor ou não. Em particular, o caso das

mulheres em todo mundo sempre foi de uma não-escrita, como se elas não fossem capazes de ter o seu processo criativo.

Temos sempre que romper duas barreiras:

a de fora

e a que já se instalou dentro de nós.

Dizemos que a escrita é partilha. Reconhecimento. Re conhecimento.

.....

Que é afago e acolhimento da dor do mundo.

"A nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir..." Clarice Lispector, Se eu fosse eu.

-----

É noite.

O lugar é outro... Outra cidade, outro ritmo... Outras relações...  
(Os desgastes de um relacionamento de 20 anos na pós-pandemia...)

Transito entre duas casas

A casa da mãe e a casa de minha companheira...

O emaranhado das linhas,

o cuidado em separá-las...

O emaranhado das relações, seus nós e laços. Perco-me...

Após nosso encontro, fiquei pensando, a partir de quais lugares eu escrevo?

Um primeiro lugar é o do autoconhecimento.

O setting terapêutico permitiu reconhecer-me poeta e transitar entre masculino e feminino para me acolher...

O feminino sempre foi um desafio, às vezes, prazeroso, outras vezes, doloroso... Eu não cabia nos modelos... Habito um corpo feminino, sou homossexual. Escolhi não ser mãe.

A poesia tem sido a maneira de me expressar. Escrever e interpretar. O construir um personagem subir no palco e ser algo novo...

Hoje estou em trânsito novamente... Moro em duas casas...

"casa da palavra, onde o silêncio mora..." Socorre-me o Caetano

Apego-me à Palavra como a um alimento

A escrita diz:

- exista!

A escrita inscreve. Registra.

